



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

THÁTILA FERREIRA MORAIS

**EDUCAÇÃO NAS PRISÕES: AS VOZES DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE
PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO ESTADO DA ARTE**

**TOCANTINÓPOLIS - TO
2018**

THÁTILA FERREIRA MORAIS

**EDUCAÇÃO NAS PRISÕES: AS VOZES DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE
PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO ESTADO DA ARTE**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal
do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis
para obtenção do título de Pedagogia, sob orientação da
Professora Aline Campos

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- MS27e Morais, Thátilla .
 Educação nas Prisões: As Vozes das Pessoas em Situação de Privação de
 Liberdade no Estado da Arte. / Thátilla Morais. – Tocantinópolis, TO, 2018.
 83 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2018.
 Orientadora : Aline Campos
1. Educação em Prisão. 2. Voz da pessoa presa. 3. Estado da arte. 4.
 Liberdade. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THÁTILA FERREIRA MORAIS

EDUCAÇÃO NAS PRISÕES: AS VOZES DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE
PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO ESTADO DA ARTE.

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT-
Universidade Federal do Tocantins, Campus de
Tocantinópolis, Curso de Pedagogia, para obtenção
do título de Pedagoga e aprovada em sua forma
final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 23 / 02 / 2018

Banca Examinadora:



Prof.^a Me. Aline Campos, Orientadora, UFT.



Prof. Dr. Mauro Torres Siqueira, Examinador, UFT.



Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição, Examinador, UFT.

A Iracema Alves Ferreira e Maria de Lurdes Alves Ferreira, exemplos de mulher, mãe, força e determinação. A todas as pessoas que lutam e acreditam na força da educação como instrumento humanizador e libertador, em especial a minha orientadora Aline Campos. A elas, toda minha admiração!

AGRADECIMENTOS

Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença das estrelas! (Mário Quintana)

Durante a construção da nossa trajetória de vida, formação e experiência, algumas pessoas vão ajudando-nos a construí-la e, assim, vão deixando suas marcas de maneira especial. E hoje, neste momento em que se conclui uma etapa bastante significativa da minha vida quero agradecer a estas pessoas, que de algum modo, seja nos momentos serenos e/ou apreensivos, se fizeram ou fazem presentes em minha vida.

Desta forma, agradeço a Deus, sempre em primeiro lugar, pela vida, saúde e principalmente por me oferecer as condições necessárias para concluir mais esta etapa da minha vida.

À minha maravilhosa mãe, por tudo que sempre fez por mim e por meus irmãos. Agradeço sua compreensão, amor e carinho, por todo apoio prestado sempre em tudo que faço.

Aos meus amados irmãos Gabriel e Juliana.

Ao Vaney, meu querido amigo e companheiro de vida e de projetos. Pela força, cumplicidade e compreensão, sobretudo nesse “finalzinho” durante a escrita do TCC. Agradeço por ele está ao meu lado em todos os momentos que vivi de alegrias e principalmente nos de angústias.

A todos os meus professores da graduação, por todo aprendizado e experiências adquiridas através de seus preciosos ensinamentos. Destaco alguns que marcaram de maneira especial minha vida acadêmica.

Ao professor Mario Borges Netto, uma das pessoas mais humanas que já tive o prazer de conhecer e conviver, além de um excelente profissional se tornou um grande amigo. Agradeço imensamente por todos os valiosos conselhos, por acreditar em mim e me apoiar em meus projetos, por todas as experiências que me proporcionou viver durante o curso de Pedagogia que foram muito além das suas disciplinas, por todas as vezes que me ajudou a enfrentar minhas angústias, tomar minhas decisões e encontrar o melhor caminho, inclusive na reta final do curso no momento de encontrar meu objeto de pesquisa para o TCC, enfim, por toda paciência em me ouvir sempre em todos os momentos que precisei.

Agradeço ao querido professor e amigo Deive Bernardes da Silva, pessoa extremamente ética, comprometida e preocupada com a aprendizagem de seus alunos. Agradeço pelas inúmeras contribuições para minha formação pessoal e profissional, por me proporcionar

vivenciar um pouco dos “bastidores da docência” nos dois semestres em que estive como sua monitora na disciplina de “Programas e projetos em políticas públicas”.

Agradeço aos meus coordenadores do PIBID durante os quatro anos em que estive como bolsista do programa, o professor Cleomar Locatelli, que me ajudou a enfrentar o medo do desconhecido, e ao professor Fábio Pessoa Vieira, por todo o incentivo na leitura e escrita científica e por todo aprendizado e experiências vividas nos meus últimos dois anos de PIBID.

Agradeço a minha querida orientadora Aline Campos, por quem tenho grande admiração e respeito, por sua dedicação, simplicidade e sabedoria, além do exemplo como professora e pesquisadora comprometida com sua tarefa que me mostrou que educar é um ato de carinho, compreensão e amor. Agradeço por ter aceitado o convite para ser minha orientadora e pela paciência e atenção que teve comigo dedicando seu valioso tempo para orientar cada passo do desenvolvimento deste trabalho, apontando os equívocos, sugerindo alterações e, principalmente, desafiando-me a caminhar sozinha. E agradeço infinitamente pelo convite feito para que eu pudesse conhecer na prática um pouco do universo prisional e vivenciar experiências pessoais e profissionais na Cadeia Pública de Tocantinópolis através do projeto de extensão universitária “Biblioteca e remição de pena por leitura: construindo o espaço educativo da Cadeia Pública de Tocantinópolis/TO”, um espaço rico em aprendizagens que levarei para a vida.

Agradeço aos professores Mauro Torres Siqueira e Welington da Silva Conceição por aceitarem o convite para compor a banca examinadora deste trabalho. Certamente contribuirão para o enriquecimento da pesquisa através de suas leituras e análises.

À minha turma 2013.1, companheiros de caminhada durante o curso de Pedagogia. Em especial à querida amiga e companheira de estágio que está comigo nesta caminhada desde o Ensino Médio, Deusiane Rodrigues, por ter acompanhado desde o início todos os passos do desenvolvimento deste trabalho e da minha vida acadêmica. Às minhas queridas amigas: Laura Santana Rodrigues e Raquel Vaz de Oliveira, companheiras em todos os momentos desta nossa caminhada acadêmica, agradeço tudo que vivemos juntas meninas.

A algumas das minhas fraternas amizades frutos da passagem pela Universidade Federal do Tocantins: Faelma Albuquerque, Jessany Andrade, Lázaro Pereira, Wagna Ferreira e a minha conterrânea Márcia Brito, por todos os momentos juntos.

A Universidade Federal do Tocantins e a tudo que vivi durante o curso de Pedagogia, por ser exatamente o que eu precisava viver!

Agradeço infinitamente a todos vocês que contribuíram tanto para a conclusão desta etapa em minha vida quanto para a Thátilla que sou hoje.

RESUMO

Considerando o crescente número de produções que existem sobre os aspectos que envolvem a educação em prisões, esta pesquisa tem como objetivo analisar como as falas das pessoas em situação de privação de liberdade estão sendo apresentadas nos trabalhos acadêmicos produzidos sobre a temática “Educação em espaços de privação de liberdade”. Para tanto, foi analisado o estado da arte para se obter as respostas para nossas inquietações: identificar se os sujeitos dessa educação estão sendo ouvidos no processo de produção de conhecimento e analisar de que maneira as vozes das pessoas que vivenciam a situação de aprisionamento estão sendo consideradas no processo de produção de conhecimento. Desta forma, a presente pesquisa apresenta dados quantitativos e qualitativos referentes ao número de produções acadêmicas feitas no período de 1989 a 2016. Os dados foram coletados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES através da plataforma Sucupira e analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin. As análises evidenciaram que as produções acadêmicas se concentram nas regiões Sul e Sudeste do país, não havendo trabalhos oriundos na região Norte. Dos 83 trabalhos que discutem educação em prisões, apenas 26 trazem a voz da pessoa presa para o debate, sendo que destes, apenas oito centram-se, exclusivamente, na voz da pessoa presa. Percebeu-se homens e mulheres são ouvidos em proporções similares nas pesquisas e que o principal tema de análise é educação formal, principalmente a educação escolar. Na análise aprofundada das teses e dissertações, que tratam exclusivamente da voz da pessoa presa, ficou evidente a presença das narrativas referentes aos aspectos relativos ao processo educacional e a vivência no espaço de privação de liberdade.

Palavras-Chave: Educação em Prisão. Voz da pessoa presa. Estado da arte. Liberdade

ABSTRACT

Considering the growing number of productions that exist on the aspects that involve prison education, this research aims to analyze how the speeches of people in situations of deprivation of liberty are being presented in the academic works produced on the theme "Education in spaces of deprivation of liberty ". For that, the state of the art was analyzed to obtain the answers to our concerns: to identify if the subjects of this education are being heard in the process of knowledge production and to analyze how the voices of the people who experience the situation of imprisonment are being considered in the process of knowledge production. In this way, the present research presents quantitative and qualitative data referring to the number of academic productions made in the period from 1989 to 2016. The data were collected in the Bank of Thesis and Dissertations of CAPES through the platform Sucupira and analyzed using the technique of analysis of content of Laurence Bardin. The analyzes showed that the academic productions are concentrated in the South and Southeast regions of the country, with no works coming from the North. Of the 83 papers that discuss education in prisons, only 26 bring the voice of the prisoner to the debate, of which only eight focus exclusively on the voice of the prisoner. It was noticed that men and women are heard in similar proportions in the surveys and that the main topic of analysis is formal education, especially school education. In the in-depth analysis of the theses and dissertations, which deal exclusively with the voice of the arrested person, the presence of the narratives concerning the aspects related to the educational process and the experience in the area of deprivation of freedom became evident.

Keywords: Education in Prison. Voice of the arrested person. State of art. Freedom.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01: Distribuição das produções por estados brasileiros.....	41
Gráfico 01: Percentual de teses e dissertações sobre educação em prisões.....	39
Gráfico 02: Produções sobre educação em espaços de privação de liberdade feitas entre os anos de 1989-2016.....	39
Gráfico 03: Distribuição do número de produções feitas por estados brasileiros.....	43
Gráfico 04: Outras vozes presentes nos trabalhos sobre educação na prisão.....	44
Gráfico 05: Sexo da pessoa presa no estado da arte.....	46
Gráfico 06: Análise geral das metodologias utilizadas em todos os 26 trabalhos.....	49
Gráfico 07: Análise das metodologias utilizadas exclusivamente nos trabalhos com a pessoa presa.....	49
Gráfico 08: Temas que surgiram nos 26 trabalhos analisados.....	54
Gráfico 09: Categorias de educação que aparecem nos 26 trabalhos analisados.....	54
Gráfico 10: Categorias que aparecem nos 08 trabalhos que ouvem a pessoa presa.....	54
Quadro 01: Categorias de educação.....	23
Quadro 02: Metodologia detalhada dos oito trabalhos que ouvem exclusivamente o preso.....	51
Quadro 03: Categorias que emergiram das análises das teses e dissertações.....	53
Quadro 04: Objetivo da pesquisa e o que se escuta do preso.....	56
Quadro 05: Apresentação das vozes dos presos nas produções acadêmicas.....	59
Quadro 06: Contato entre pesquisador e pessoa presa.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Teses e dissertações que se enquadram na perspectiva desta pesquisa e sua fonte.....	32
Tabela 02: Relação entre número de presos e produções sobre educação em prisões por região brasileira.....	42

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FADERGS	Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul
INFOPEN	Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
LEP	Lei de Execução Penal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis
MST	Movimento Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE.....	21
2.1 As diferentes possibilidades de educação no contexto de encarceramento: reflexões sobre os conceitos de educação informal, não formal, formal, escolar e não escolar.....	21
2.2 Percurso histórico e legislativo: em busca da garantia ao acesso à educação nos espaços de privação de liberdade.....	24
3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	27
3.1 Pesquisar o “Estado da arte”.....	28
3.2 Levantamento dos dados.....	29
3.3 Análises dos dados coletados.....	36
4 EDUCAÇÃO NA PRISÃO: PANORAMA GERAL DO ESTADO DA ARTE.....	38
4.1 Situação geral dos trabalhos acadêmicos sobre Educação em contexto de encarceramento.....	38
4.2 O estado da arte em sua distribuição geográfica no território nacional.....	41
4.3 Outras vozes ouvidas junto com a das pessoas presas.....	44
5 AS VOZES DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO NAS PRISÕES NO ESTADO DA ARTE.....	46
5.1 Sexo das pessoas presas nos trabalhos acadêmicos.....	46
5.2 Como as vozes das pessoas presas estão sendo coletadas?.....	48
5.3 Quais os principais temas cujas vozes são ouvidas?.....	52
5.4 Como as vozes são apresentadas?.....	58
5.5 Qual a relação do pesquisador com a pessoa presa?.....	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	66
ANEXOS.....	69

APRESENTAÇÃO

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mais um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (DUARTE, 2002, p.140).

As trajetórias, as histórias, os cenários e os caminhos que vão se construindo ao longo da formação das nossas experiências são bastante singulares e, mesmo aquelas pessoas que aparentemente trilharam os mesmos caminhos que os nossos certamente os viveram de maneiras diferentes. O mesmo ocorre em relação ao caminho trilhado rumo à nossa aproximação com um futuro objeto de pesquisa. Estas trajetórias particulares vividas pelo pesquisador se tornam significativamente importantes para entender, sobretudo, os passos do desenvolvimento da formação do próprio pesquisador e a construção de suas pesquisas.

No decorrer da minha formação acadêmica, no período de 2013 a 2017, no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT), várias disciplinas e atividades me chamavam atenção, principalmente àquelas relacionadas à Educação Não Escolar. Desse modo, pude vivenciar os estágios, as pesquisas, monitorias, atividades de iniciação à docência, dentre outras. Porém, mesmo com todas estas experiências vividas, no final do curso encontrei dificuldade em delimitar um objeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois, desde o início do curso tinha o pensamento de que este momento, além de representar o cumprimento da última atividade curricular, deveria representar algo que realmente fizesse sentido para mim.

Diante disso, busquei aproximação com os professores e disciplinas que dialogavam com a Educação Não Escolar. Foi então que no sétimo período do curso de Pedagogia me matriculei na Disciplina do tipo atividade integrante “Educação Popular: lutar com os povos marginalizados”, daí então surgiu o interesse pela presente pesquisa.

A disciplina tinha em sua ementa como objetivo geral promover o estudo e reflexão sobre a Educação Popular como instrumento de luta em prol dos povos marginalizados. Durante o desenvolvimento dessa disciplina teve um momento em que a professora apresentou sua dissertação de mestrado, na qual ela estudou sobre Educação em prisões na época em que ela era professora em uma unidade prisional do interior de São Paulo, intitulada “Educação, Escola e Prisão: O Espaço de voz de Educandos do Centro de Ressocialização de Rio Claro/SP”. Após este momento fiquei curiosa em saber mais sobre a experiência relatada pela professora no seu texto e decidi fazer a leitura da sua dissertação. Durante a leitura alguns pontos me chamaram a atenção e me induziram a algumas reflexões acerca dos relatos feitos sobre os sentidos

atribuídos à educação pelas pessoas privadas de liberdade e a forma como esta educação é desenvolvida nestes espaços.

Através dos estudos oriundos da disciplina anteriormente mencionada e da formação acadêmica da professora por ela responsável, busquei saber mais sobre os campos de atuação da educação popular, considerando que até então os debates mais próximos dos proporcionados por esta disciplina foram aqueles debatidos nas disciplinas de “Educação de pessoas jovens e adultas” e “Educação Não Escolar”.

Com isso, surgiu o interesse e curiosidade em ouvir as falas das pessoas privadas e restritas de liberdade no que se refere à educação. Fiquei interessada em fazer minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC sobre as concepções de vida e educação dos sujeitos desta educação, por meio de uma pesquisa participativa. Porém, devido ao curto período destinado no currículo do meu curso à elaboração do TCC - limitado há dois semestres letivos, e também tendo em vista que os trâmites para autorização de pesquisas junto à população carcerária podem ser demorados, vi meu desejo ser inviabilizado devido à dificuldade de acesso a esse grupo de pessoas.

Diante dessa limitação, sobretudo temporal, optei por desenvolver uma pesquisa de cunho bibliográfico, a partir da análise de teses e dissertações produzidas sobre educação em espaços de privação de liberdade, na intenção de identificar como estão - e se realmente estão - sendo apresentadas as vozes destas pessoas nas produções acadêmicas.

Considero importante destacar que o pedagogo é um profissional de múltiplos olhares e diversas possibilidades de atuação no exercício da profissão podendo atuar em espaços escolares e não escolares como a prisão. Porém, mesmo com tantas possibilidades de atuação, durante a formação acadêmica, infelizmente, na maioria das licenciaturas não são apresentados e estudados, por exemplo, o cárcere como possibilidade de campo de atuação profissional do pedagogo, onde este profissional pode trabalhar com Educação de Jovens e Adultos.

O trabalho com as pessoas em situação de privação de liberdade pode proporcionar reflexões que, conseqüentemente, geram importantes debates a respeito de suas particularidades e sobre comportamentos sociais. Considero que durante a graduação tive a oportunidade de viver um momento privilegiado em relação a alguns colegas de curso, pois durante a formação acadêmica é de fundamental importância que conheçamos, mesmo que de forma teórica, ao máximo os nossos possíveis futuros espaços de trabalho. Alguns destes espaços temos oportunidade de conhecê-los na prática, a exemplo dos estágios nos espaços escolares, porém os espaços não escolares ficam com uma lacuna tanto na teoria quanto na prática, considerando os mais diversos fatores que inviabilizam um estágio satisfatório durante a formação.

Nesse sentido, felizmente, ainda no período da graduação, no último semestre pude participar como voluntária do projeto de extensão “Biblioteca e remição de pena por leitura: construindo o espaço educativo da Cadeia Pública de Tocantinópolis/TO” e conhecer um pouco na prática este espaço totalmente novo e diferente de tudo que já estudei em todas as disciplinas do curso, a experiência de participação nesse projeto contribuiu fortemente para a minha formação, trazendo uma visão interdisciplinar e transversal, para além dos espaços institucionais da escola e da universidade.

Esse trabalho é fruto dessa minha trajetória formativa e de meu esforço em aprender a fazer pesquisa com responsabilidade social.

Boa leitura!

1 INTRODUÇÃO

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê” (SCHOPENHAUER, 2010, p.156-157).

Segundo a constituição Federal de 1988, a Educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho, contemplando todas as pessoas em todos os espaços, inclusive aquelas que se encontram em situações de privações de liberdade. Para Santos (2007a, p. 108) “acaso se acredite que a educação escolar pode contribuir com a transformação da realidade, há de se insistir nessa possibilidade, mesmo estando no universo das prisões”. Campos (2015) salienta, entretanto, que “as prisões ainda estão longe de serem espaços que promovam o desenvolvimento pessoal, o raciocínio crítico e a formação de pessoas socialmente responsáveis”. Ainda segundo a autora supracitada, mesmo com todas as garantias que foram adquiridas ultimamente referentes ao direito à educação nos espaços de privação de liberdade, muito ainda tem de ser feito para que esta educação aconteça de maneira a promover a transformação da realidade destas pessoas.

Para que esta educação realmente seja emancipadora e contribua para a transformação da vida e realidade dos grupos socialmente marginalizados, é preciso que se considerem muitos aspectos, que vão além dos conhecimentos científicos oferecidos tradicionalmente nos espaços escolares. Nesse sentido, é fundamental que a educação nos espaços de privação de liberdade seja construída, como ensina Freire (2011), *com* seus sujeitos e não *para* eles. Nessa perspectiva, faz-se necessário considerar a situação em que se encontram; o que almejam em seus projetos de vida futuros; os significados que atribuem ao processo educativo em suas formações; seus conhecimentos construídos ao longo da vida; sua história de vida, lutas, conquistas e fracassos; dentre tantas outras dimensões que, por vezes, passam despercebidas aos olhos dos educadores e pesquisadores que atuam com estes grupos.

Comungamos com a defesa de Santos (2007b) de que vivemos atualmente em uma sociedade que produz ausências ao não reconhecer como legítimo e existente outras formas de saber para além dos conhecimentos científicos, filosóficos e teológicos. Restringimos, segundo o referido autor, as inesgotáveis experiências do mundo a algumas poucas formas de compreender a sociedade, centradas nas perspectivas do Norte. O Sul, entendido como os que são postos à margem, raramente tem espaço no processo de produção do conhecimento, daí a necessidade de uma Epistemologia do Sul (SANTOS, 2009). Isso não significa desvalorizar os conhecimentos até então produzidos e que em muito contribuem para a

compreensão do mundo: consideramos seu lugar e importância social e reconhecemos que parte deles, inclusive, contribuem nas lutas pela emancipação social. Porém, é importante que consigamos compreender que estes não são as únicas formas de conhecimento válido e que, ao nos reduzirmos a eles, estamos desperdiçando uma inumerável quantidade de experiências e formas de saber que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre.

Existe uma vasta literatura produzida sobre prisões, e a temática que envolve a educação oferecida para pessoas em espaços de privação de liberdade tem sido objeto de vários estudos, debates e produções acadêmicas nos últimos anos, o que vem contribuindo significativamente para o avanço do debate a respeito da forma como é apresentada esta educação para pessoas que se encontram nestas situações de aprisionamento. Tais estudos consideram vários aspectos que englobam a educação, tais como: formação dos professores; o direito a educação; a forma como ela acontece; a discussão sobre as especificidades de gênero; relação entre educação formal e não-formal; as políticas de educação penitenciária; análises teóricas dos autores que historicamente discutem aspectos relativos a esta educação; as análises do processo educativo na visão dos educandos; dentre outros.

Diante dessa crescente produção de conhecimento, levantamos os seguintes problemas: os sujeitos dessa educação estão sendo ouvidos nesse processo? De que maneira as vozes das pessoas que vivenciam a situação de aprisionamento está sendo considerada no processo de produção de conhecimento sobre educação em espaços de privação de liberdade?

No intuito de compreender tais problemas, analisamos teses e dissertações produzidas sobre educação em espaços de privação de liberdade no intuito de identificar como estão - e se realmente estão - sendo apresentadas as vozes deste grupo socialmente marginalizado no universo acadêmico. Pretende-se analisar estas produções no sentido de propor um debate sobre a importância das vozes dessas pessoas que vivem a situação de aprisionamento como saberes significativos no processo de construção do conhecimento.

Diante deste cenário, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como as falas das pessoas em situação de privação de liberdade estão sendo apresentadas nos trabalhos acadêmicos produzidos sobre a temática “Educação em espaços de privação de liberdade”. Deste objetivo geral depreendem-se os seguintes objetivos específicos:

- Fazer um levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da CAPES das produções que discutem a educação em espaços de privação de liberdade;
- Destacar como estão geograficamente distribuídas no território brasileiro as produções relacionadas à educação em espaços de privação de liberdade.

- Quantificar, dentre os trabalhos relacionados à Educação em espaço de privação de liberdade, quantos trazem para o debate as vozes dos sujeitos dessa educação.
- Identificar, dentre os trabalhos que trazem as vozes dos sujeitos aprisionados, quais as principais temáticas abordadas.
- Analisar as opções metodológicas de coleta e análise de dados utilizadas para compreensão das vozes dos sujeitos aprisionados nas teses e dissertações.
- Analisar de que maneira as falas das pessoas em situação de privação de liberdade são incorporadas nos trabalhos sobre educação em espaços de privação de liberdade.
- Problematizar a importância das vozes das pessoas presas no processo de construção da educação em espaços de privação de liberdade.

A realização deste trabalho justifica-se tendo em vista, principalmente, o crescente número de produções acadêmicas a respeito dessa temática, trazendo para reflexão suas particularidades. O que nos mostra que cada vez mais pesquisadores tem se dedicado a estudar este espaço de educação, que vem ganhando cada vez mais destaque. Com isso, é de fundamental importância trazer para o centro das discussões o olhar dos sujeitos da educação oferecida nas prisões, buscando saber de que forma este olhar é retratado nestas produções.

É importante destacar ainda, como será melhor discutido no capítulo 3, que o número de produções acadêmicas sobre educação em espaços de privação de liberdade existentes hoje no país está, em sua maioria, localizado nas regiões mais desenvolvidas do Brasil, como Sul e Sudeste, seguida da região Centro-Oeste, onde se localizam os maiores centros de estudo superior do País. Os números referentes às regiões Norte e Nordeste são inferiores às demais, e no Norte do país existe uma lacuna alarmante no que se refere a produções nessa área, com destaque ao estado do Tocantins, no qual não existe nenhum registro de produção sobre a Educação nos espaços de privação de liberdade no banco de teses e dissertações consultado.

Diante desse contexto, consideramos a relevância social do estudo desta temática, pois é de fundamental importância observar de que forma estão sendo evidenciadas as vozes destes sujeitos no processo de construção da educação dentro dos espaços de privação de liberdade, inclusive para se pensar não somente as metodologias de ensino que estão sendo utilizadas, como também os significados das mesmas na vida destas pessoas. Estes estudos são também fundamentais para se pensar as políticas públicas voltadas ao direito à Educação nestes espaços, que por sua vez visam principalmente a (re)socialização destas pessoas. Nesse sentido, a análise do estado da arte que fazemos nesse trabalho tem importante relevância para se pensar o contínuo fazer dessa educação, bem como os caminhos das pesquisas nessa temática.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. O Capítulo 1, intitulado *Breve contextualização da educação em espaços de privação de liberdade*, discute os conceitos de educação informal, não formal, formal, escolar e não escolar, com ênfase na forma como cada uma destas categorias de educação podem ser desenvolvidas dentro dos espaços de privação de liberdade. Em seguida é apresentado um breve percurso histórico e legislativo da busca por garantia ao acesso à educação nos espaços de privação de liberdade.

O Capítulo 2, intitulado de *Escolhas Metodológicas*, apresenta inicialmente o que significa estudar o estado da arte, destacando as contribuições da utilização deste método de pesquisas nas produções acadêmicas. Em seguida, apresenta o percurso metodológico percorrido para se obter os dados quantitativos e qualitativos desta pesquisa. Por fim, apresenta a técnica de análise conteúdo segundo a concepção de Laurence Bardin, que foi utilizada na organização dos dados para as análises dos dados qualitativos do presente estudo.

O Capítulo 3, intitulado *Educação na Prisão: panorama geral do estado da arte*, apresenta e discute os dados da pesquisa relativos às análises quantitativas sobre o estado da arte da Educação em prisões.

E o Capítulo 4, intitulado *As vozes dos sujeitos da educação nas prisões no estado da arte*, apresenta as análises aprofundadas dos trabalhos que trazem para o debate exclusivamente a voz da pessoa presa. Apresenta análises relacionadas ao sexo das pessoas presas escutadas nos trabalhos; como estas vozes são coletadas; quais os principais temas cujas vozes são ouvidas; como estas vozes são apresentadas nas teses e dissertações e a relação estabelecida entre pesquisador e a pessoa presa no momento da pesquisa.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE.

“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67).

Este capítulo está organizado em dois momentos. Discutiremos primeiramente os conceitos de educação informal, não formal, formal, escolar e não escolar, além da forma como cada uma destas categorias de educação pode ser desenvolvida dentro dos espaços de privação de liberdade. Posteriormente, será apresentado um breve percurso histórico e legislativo em busca da garantia ao acesso à educação nos espaços de privação de liberdade para entendermos como estas legislações vêm historicamente garantindo este direito e refletiremos também a respeito da concretização destas normativas.

2.1 As diferentes possibilidades de educação no contexto de encarceramento: reflexões sobre os conceitos de educação informal, não formal, formal, escolar e não escolar.

O desenvolvimento das práticas educativas em contexto de encarceramento pode ocorrer de várias formas, considerando as possibilidades que a educação nos permite. Desta forma, apresentaremos alguns conceitos que se relacionam com a Educação e que podem ser pensados a partir da Educação Jovens e Adultos (EJA) em situação de encarceramento, são eles: educação formal, não formal, informal, escolar e não escolar.

Antes, é importante destacar que, a educação tem como um dos seus principais objetivos atender a todas as pessoas indistintamente, com isso ela pode e deve considerar válidas todas as possibilidades de aprendizagens. Conforme afirma Sacristán (2007, p.15),

Se cremos que ela [a educação] deve servir a um projeto de ser humano e de sociedade, teremos que aproveitar suas potencialidades e enfrentar os riscos formando pessoas que possam reorientá-la. Educar para a vida é educar para um mundo em que nada nos é estranho. A educação vê-se obrigada repensar suas metas e revisar seus conteúdos.

Com isso, percebemos que o universo da educação vem se moldando e crescendo de forma a contemplar o desenvolvimento integral do ser humano, ao longo de toda a vida, em seus processos formativos enquanto ser social. Portanto, não há processo educativo mais ou menos importante, apenas diferentes e com finalidades também distintas.

A educação formal é tradicionalmente desenvolvida em espaços institucionalizados, escolas e universidades. Suas atividades têm como objetivo a aquisição e construção do

conhecimento para atender as demandas da contemporaneidade, e é caracterizada por ser uma educação estruturada. Nesse sentido, a educação escolar pode ser considerada um tipo de educação formal.

A educação informal, por sua vez, acontece fora dos sistemas de ensino tradicionais e ocorre de forma espontânea. É aquela adquirida ao longo da vida através das relações estabelecidas com os vários grupos e espaços sociais com que convivemos.

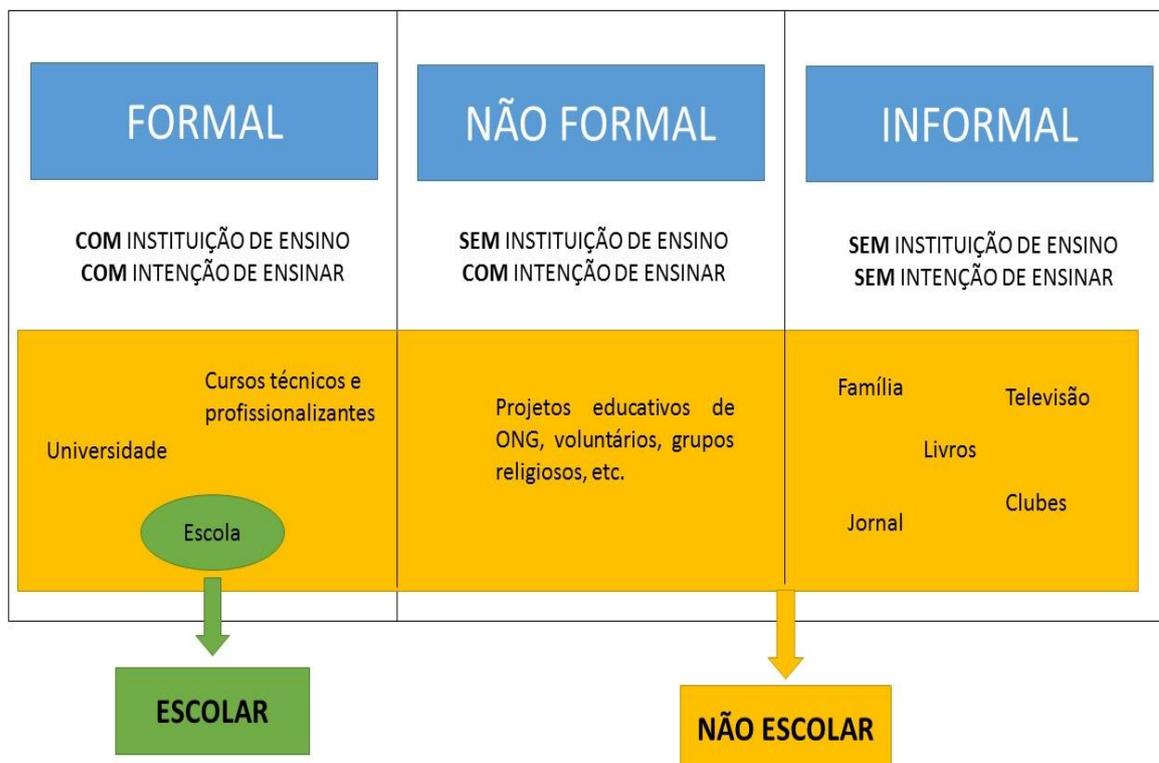
Já a educação não formal processa-se fora dos espaços escolares e é desenvolvida de acordo com os desejos das pessoas. Ocorre em ambientes coletivos com experiências diárias dos diversos grupos que compõem a sociedade, assemelha-se com a educação informal, porém, ambas se distinguem em alguns aspectos.

Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados (GHON, 2006, p.29).

Podemos perceber que a educação não formal busca a promoção da autoestima, interesses comuns e solidariedade. Ghon (1999, p.99-100) ressalta ainda algumas diferenças quanto aos temas e sujeitos que as envolvem:

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, leitura de jornais, livros, revistas etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar.

Desse modo, podemos então compreender as possibilidades de educação em três categorias: formal, não formal e informal. Sendo que a educação escolar é uma especificidade da educação formal e tudo o que não pertencer à educação escolar poderá ser compreendido como educação não escolar, podendo ser considerado não-formal ou informal. O Quadro 01 apresenta a organização e exemplificação dessas categorias, que foram utilizadas na organização e análise dos dados desta pesquisa.

Quadro 01: Categorias de educação

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como na sociedade livre, no contexto prisional também todas essas categorias de educação se fazem presentes. A educação formal, quando ofertada nestes espaços compreende o ensino básico, secundário, ensino superior e profissionalizante sendo de responsabilidade do Estado, que o desenvolve por meio das secretarias estaduais de educação ou por meio de convênios com as secretarias municipais ou outras instituições de ensino, que além de ministrarem as aulas, se responsabilizam pela certificação do ensino.

A educação não formal, por sua vez, se apresenta nos espaços de privação de liberdade por meio de cursos e atividades promovidas por ONG, grupos religiosos, missionário e/ou voluntários que procuram tais espaços com propostas de atividades a serem ofertadas. Podemos considerar então que as práticas de educação não formal ocorrem dentro do universo prisional por meio de projetos sociais que visam principalmente o resgate de valores essenciais para a formação de cidadãos protagonistas de sua própria vida.

A educação informal, por fim, ocorre permeada à rotina da prisão, nas diversas e distintas relações que lá se estabelecem. Trata-se de educação que se efetiva por meio das aprendizagens conjuntas, aquelas oriundas das experiências diárias, como os artesanatos

desenvolvidos pelos presos ou comportamentos adquiridos que são fundamentais para o convívio coletivo nesse contexto específico.

2.2 Percurso histórico e legislativo: em busca da garantia ao acesso à educação nos espaços de privação de liberdade.

A educação é direito de todos os cidadãos, desta forma, deve estar ao alcance de todos independentemente da situação em que se encontram, seja na sociedade livre ou não. É fundamental destacar que a educação oferecida nos espaços de privação de liberdade é assegurada primeiramente como um direito humano universal, com isso, o Estado deve oferecer de forma gratuita todos os subsídios necessários para que ela se efetive contemplando, inclusive, aquelas pessoas que não tiveram acesso à educação na “idade apropriada¹” (BRASIL, 1988).

A oferta de educação no universo carcerário é um dos importantes meios de oportunizar o processo de (re)socialização dos presos com vistas ao seu retorno ao convívio na sociedade livre. Deve-se, por isso, oferecer aos sujeitos desta educação, além do ensino formal, fundamental para sua inserção no mundo do trabalho, também possibilidades de se inserir no meio social e resgatar sua cidadania perdida.

Desta forma, a educação voltada para os privados de liberdade pode ser considerada um instrumento fundamental, segundo Silva (2010, p.87), para a “[...] emancipação pessoal e reconstrução da dignidade do preso, é amplo o reconhecimento, no ordenamento jurídico brasileiro, da importância do direito à educação prisional e da necessidade da busca pela efetividade desse direito [...]”. Neste sentido, o Brasil dispõe de bases legais com legislações educacionais e penais que visam à garantia e oferta da educação nestes espaços.

Primeiramente este direito é garantido através da Lei de Execuções Penais (LEP) nº 7.210 de 11 de julho de 1984, mais especificamente nos artigos 17 ao 21 do Capítulo II que dispõe da Assistência Educacional, fazendo menção a obrigatoriedade da educação nos sistemas penitenciários e destacando que a assistência ao preso é dever do Estado (BRASIL, 1984). Posteriormente, com a Constituição Federal de 1988, foi reforçado o direito a educação aos presos, o que podemos perceber através dos seus artigos 205 ao 213, que reconhecem este direito a todos sem distinção de origem, raça, sexo ou cor, ressaltando assim sua universalidade e incluindo aqueles que se encontram em contexto de privação de liberdade.

¹ Termo utilizado nos documentos oficiais de educação. Porém, entendemos que a educação é um processo que se dá ao longo de toda vida, não havendo, portanto, uma idade apropriada para se aprender.

Em 1996, com o surgimento da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9.394 de 21 outubro, foi assegurado o direito a educação prisional a partir da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em seguida, foi fortalecido com o Plano Nacional de Educação, criado pela Lei de nº 10.172, de 2001, que destaca entre os objetivos e as metas da EJA o desenvolvimento de atividades educacionais voltadas para os níveis de educação fundamental e médio, além da formação profissional em todas as unidades prisionais, bem como outros espaços que atendam adolescentes e jovens infratores.

Além destas legislações brasileiras que garantem o desenvolvimento de atividades educativas no espaço prisional, existem também, segundo Noma e Boiago (2008, p. 07), “o plano de Desenvolvimento Educacional de 2007, a Resolução nº 3 de 6 de março de 2009 do Conselho de Política Criminal e Penitenciária, a Resolução CNE/CEB 2/2010, o parecer CNE/CEB Nº 4 de 2010 e ao Plano Diretor da Sistema Penal Nacional”.

Contudo, ainda que exista o reconhecimento do direito à educação para as pessoas presas, há também imensas dificuldades enfrentadas na concretização dessas normativas. A execução das práticas educativas no espaço carcerário convive diariamente com diversos obstáculos, de diversas ordens, que afetam diretamente a efetivação e qualidade do ensino neste espaço.

O cárcere é um espaço cheio de contradições, uma vez que os espaços destinados às atividades educativas não são espaços apropriados, nem tampouco pensados, para esta prática. Além da falta de estrutura física adequada, falta também materiais didáticos voltados para esse público.

Devemos considerar também a falta de currículos pensados para trabalhar com este público, para que mesmo no espaço prisional a educação seja “capaz de motivar essas pessoas a ponto de ver na educação uma possibilidade de emancipação ainda na condição de encarceradas” (PEREIRA, 2011, p.45). Nesse sentido, (ONOFRE, 2007, p.23) ressalta que.

[...] Mesmo havendo elementos comuns à educação pensada para os que estão em liberdade, na prisão existem aqueles que lhe são próprios. Nela, o papel da educação é mais amplo, pois permite a liberdade e a esperança de transformação da realidade primitiva do mundo prisional. E, nessa media, a educação nos presídios estará sempre preocupada com a promoção humana.

Desta forma, é fundamental que estes educadores sejam bem preparados para trabalhar no ambiente penitenciário, para que a educação não seja encarada como uma recompensa ou mesmo um privilégio dos detentos, mas que ela seja desenvolvida como uma maneira de continuar a vida com novas expectativas. Existe também, “a ideia socialmente construída de que o preso não tem direito à educação por ter cometido crimes contra a sociedade” (PEREIRA,

2011, p.49), entretanto, ainda assim, não podemos deixar de considera-los como pessoas de direitos. Principalmente pelo fato de a educação ser um direito humano. Estando na condição de encarcerada, a pessoa só deve ser privada do direito de liberdade, ou seja, independentemente da situação em que a pessoa se encontra a educação é um direito que a ela deve ser garantido e efetivado conforme consta nas legislações.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 1996, p.160).

Esta é uma pesquisa teórica, estruturada tanto na abordagem quantitativa quanto qualitativa. Nos valem da abordagem quantitativa para visualizar e compreender as produções científicas a partir de análises atreladas a quantidade. A abordagem qualitativa, por sua vez, é usada para propiciar a interpretação, reflexão e problematização das produções acadêmicas voltadas para educação em prisões.

Sobre a pesquisa quantitativa, Fonseca (2002, p. 20) esclarece que:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.

Podemos perceber a presença da objetividade na coleta e análise dos dados quando se refere à abordagem quantitativa ao contrário da qualitativa que enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar os dados da pesquisa.

A abordagem qualitativa, segundo Esteban (2010, p. 127), pode ser entendida como:

[...] uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Desta forma, segundo Goldenberg (2004, p. 14), “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Tendo em vista tais compreensões sobre as distintas abordagens de pesquisa, desenvolvemos este trabalho por meio da articulação das duas. Realizamos, portanto, um estudo quantitativo e qualitativo das teses e dissertações encontradas sobre educação em espaços prisionais e examinamos os conhecimentos já elaborados sobre essa temática no sentido de analisar as produções acadêmicas para problematizar a importância das vozes das pessoas em situação de privação de liberdade no processo de construção da educação em espaços prisionais.

Concordamos com Brüggemann e Parpinelli (2008, p. 564) que “as duas realidades permitem que as relações sociais possam ser analisadas nos seus diferentes aspectos”. Assim, consideramos a importância das duas abordagens metodológicas no presente trabalho. E

destacamos suas contribuições para as pesquisas na qual é possível, a partir da união das duas abordagens, se obter mais credibilidade e legitimidade em relação aos resultados encontrados.

3.1 Pesquisar o “Estado da arte”

As pesquisas denominadas de “Estado da arte” ou “Estado do Conhecimento” se realizam através de revisões e análises bibliográficas, desta forma, possuem caráter de pesquisa bibliográfica. São feitas a partir de bases de dados, que são espaços virtuais que reúnem materiais científicos como: artigos, teses, dissertações e até livros. Segundo Costa (2016, p. 40) tem como objetivo identificar, por meio de mapeamentos e sistematizações, “as formas e condições da produção de conhecimentos de determinado campo ou área do saber, por meio das produções científicas”, para posteriormente se discutir os aspectos que envolvem estas teorias construídas. Algumas características sobre este método de pesquisa devem ser consideradas:

[...] uma delas é o tempo e o espaço em que os estudos analisados foram desenvolvidos. O recorte temporal e espacial nesse método é necessário porque as análises feitas referem-se a concepções e práticas presentes em determinados contextos sociais, políticos, econômicos, culturais etc. Outra característica é o recorte temático, pois serve para definir e delimitar o que se busca mapear, possibilitando aos/as pesquisadores/as ou fazerem análises aprofundadas, ou realizarem um panorama amplo sobre determinados temas. Ambas as características estão relacionadas com o tempo que o/a pesquisador/a terá para fazer os levantamentos e análises, e com a quantidade de colaboradores/as envolvidos no trabalho. (CARVALHO; SILVA, 2014, p. 349).

Com isso, percebemos que as pesquisas que optam por este método trazem resultados ordenados, considerando a delimitação do tempo e espaço em que ocorrem as pesquisas, o que posteriormente facilitará as análises dos resultados dos mapeamentos realizados sobre determinado assunto que o pesquisador pretende estudar. Segundo Ferreira (2002, p. 258), as pesquisas sobre o estado da arte:

Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Este tipo de abordagem metodológica se torna importante no universo acadêmico, pois, como se tratam de levantamentos bibliográficos da produção acadêmica sobre determinada temática, possibilita análises mais precisas sobre os conhecimentos já construídos. Costa (2014, p. 40) afirma que “através desse levantamento torna-se possível descobrir e analisar os objetos

mais pesquisados e os conhecimentos que já foram elaborados, assim como desvelar as brechas existentes em um determinado tema e apontar para novos enfoques”.

Complementando a compreensão dessa metodologia de pesquisa, Romanowski (2006, p.38) destaca que:

O interesse por pesquisas que abordam *estado da arte* deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros. A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. A análise do campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia.

Podemos dizer, portanto, que o estudo da arte possibilita análises sobre o que está sendo estudado e quais abordagens estão sendo dadas a determinados assuntos, além de contribuir para entender como está sendo abordado determinado tema, seja em nível de Brasil ou mundo. Outra contribuição das pesquisas que envolvem o estado da arte é identificar a escassez dos estudos sobre determinadas temáticas.

Diante dessa característica exploratória, as pesquisas sobre estado da arte contribuem para o embasamento teórico, bem como para fortalecer a justificativa do trabalho, evidenciando a importância do estudo sobre determinada temática, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade em geral.

A educação em contexto de privação de liberdade é um tema emergente no campo da pesquisa científica brasileira e, ao mesmo tempo, incipiente sobretudo em alguns estados da região norte, como o Tocantins. Diante desse cenário, compreender o seu estado da arte é fundamental tanto para entender o que vem sendo foco de estudo quanto as lacunas que precisam ser preenchidas no intuito de avançar nessa temática.

3.2 Levantamento dos dados

Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico das produções realizadas sobre a temática da educação em espaços de privação de liberdade no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em junho de 2017. Usando inicialmente o descritor “Prisão” encontramos 1557 produções relacionadas à temática. Com o objetivo de especificar o debate a respeito da Educação, refinamos os resultados selecionando somente os trabalhos oriundos dos programas de Educação e isso resultou em um total de 83 produções concluídas entre os anos de 1989 e 2016, sendo 66 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado, abrangendo os mais diversos aspectos que envolvem a Educação.

A partir deste levantamento foi feita uma tabulação² com os dados obtidos nesses 83 trabalhos acadêmicos a fim de melhor visualizá-los e organizá-los. Selecionamos informações como: título; autor; ano; tipo de trabalho (dissertação ou tese); instituição e Estado. Diante dessa organização, fizemos algumas análises quantitativas, sendo possível observar, por exemplo, o quantitativo de produções por regiões e estados brasileiros.

Para a análise qualitativa, foi feita uma seleção, a partir dos títulos destas 83 produções acadêmicas encontradas sobre educação em prisões, com o objetivo de identificar quais apresentavam as falas dos sujeitos desta Educação e, assim, proceder com uma análise mais aprofundada apenas dos trabalhos que trouxessem para o debate o olhar da pessoa presa. Para tanto, organizamos este material a partir de seus títulos, verificando se os mesmos tinham relação com a temática de interesse desta pesquisa.

Esta primeira análise possibilitou excluir 10 trabalhos, uma vez que os mesmos nitidamente não apresentavam a perspectiva do sujeito aprisionado, nem possuem relação com a perspectiva da presente pesquisa. Os títulos: “*Vigiai e orai: O Livro Tombo da Catedral de Lages (1898 -1938) e a Educação*” e “*A Trajetória da Educação Infantil no MST: de Ciranda em Ciranda aprendendo a Cirandar*”, são exemplos de trabalhos excluídos pela simples leitura de seu título. Tal procedimento se fez necessário pois, mesmo sendo feito um refinamento dos dados no site da CAPES, foram apresentados alguns trabalhos que não dialogavam com o descritor “Prisão”. Restaram, assim, 73 trabalhos relacionados com o tema Educação em Prisões.

Entretanto, com o levantamento dos títulos percebemos que somente com base neles não seria possível identificar se seu conteúdo relacionava-se ou não com a perspectiva desta pesquisa, considerando que alguns títulos apesar de fazer referência à educação em prisões não evidenciava se a mesma trazia ou não a voz do sujeito aprisionado, como por exemplo: “*A oferta de educação para adultos em situação de privação de liberdade na penitenciária Doutor Manoel Martins Lisboa Júnior no município de Muriaé em Minas Gerais*”, dentre outros trabalhos. Com isso, passamos a realizar a leitura de todos os 73 resumos, observando quais deles apresentavam os presos como sujeitos da pesquisa.

Desse modo, o segundo critério de seleção foi à leitura dos resumos dos trabalhos previamente selecionados pelos títulos. Desta forma, foi possível identificar que 23 destes trabalhos não traziam a pessoa presa como sujeito principal da pesquisa, sendo que destes quatro estavam relacionados ao jovem infrator e não a pessoa adulta.

² A tabulação dos dados da pesquisa está disponível no anexo.

Após a identificação dos 23 trabalhos que não trazem para o debate a perspectiva dos presos, ficamos com um total de 50 produções acadêmicas. Passamos então a buscar esses 50 trabalhos na íntegra para refinar ainda mais nossa seleção. Inicialmente a busca foi feita também no site da CAPES, porém, alguns destes trabalhos não estavam disponíveis para download, pois se tratam de textos publicados anteriormente a organização da plataforma sucupira que é uma ferramenta que disponibiliza, para toda a comunidade acadêmica, informações, processos e procedimentos que a CAPES realiza no Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).

Diante disso, realizamos uma pesquisa na internet no intuito de encontrarmos estas produções para análise e estudo. Muitos destes trabalhos foram encontrados nos repositórios de instituições de ensino, porém os que não conseguimos encontrar em sites solicitamos via e-mail para seus autores. Apesar dos esforços de busca, 22 trabalhos não puderam ser localizados na íntegra e, portanto, foram excluídos de nossas análises. Restaram, assim, 28 trabalhos. Destes, 2 trazem as vozes das crianças que vivem em abrigos por seus pais estarem presos sendo, portanto, também excluídos de nossas análises. Ficamos então com 26 textos que trabalham com as vozes da pessoa adulta presa.

A tabela 01 apresenta informações relativas a todos os 26 trabalhos que trazem as vozes dos sujeitos aprisionados selecionados.

Tabela 1: Teses e Dissertações que se enquadram na perspectiva desta pesquisa e sua fonte.

Nº	Título	Ano	Tese/Dissertação	Como/Onde foi Localizado	Link de Acesso
1	A Educação como Direito Humano - A escola na prisão	2005	D	Site de busca Educare	http://www.cmv-educare.com/wp-content/uploads/2012/07/Graciano-2005.pdf
2	Um dos caminhos da Educação na penitenciária de Marília/SP	2001	D	Site de busca Repositório Institucional da UNESP	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91258?locale-attribute=es
3	Correspondências do Cárcere: Um estudo sobre a linguagem de prisioneiros	2009	D	Site de busca Biblioteca Digital	http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84PJD5
4	Educação, Escola E Prisão: o “Espaço de Voz” de educandos do Centro De Ressocialização De Rio Claro/SP.	2015	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2938615
5	Nas trilhas do fazer e do saber a responsabilidade de ser: os caminhos do trabalho e da Educação na prisão	2009	D	Site de busca Repositório Institucional da UFG	http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2225
6	...”É o seguinte, na prisão a gente aprende coisa boa e coisa ruim!”: Interfaces das aprendizagens biográficas (re)construídas na prisão e os desafios e dilemas pós-prisionais enfrentados por egressas e reincidentes do sistema presidiário paraibano.	2014	T	Site de busca Biblioteca da UFPB	http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/7741
7	Educação carcerária: (Des)Encantos, (Des)Crenças e os (Des)Velamentos de leitura no cárcere, entre ditos, silêncios e subentendidos.	2007	T	Site de busca	http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/238/1/Tese%20Ana%20Lucia%20Gomes%20da%20Silva.pdf

				Repositório Institucional da UNEB	
8	Educação no cárcere – possibilidades e limites para a inclusão/libertação social do apenado: Refletindo com o Presídio Regional De Pelotas	2005	D	Site de busca Domínio Público	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=87527
9	Entre a cela e sala de aula: Um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista	2014	T	Site de busca Repositório Institucional da UFU	https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13675
10	Escritos encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce.	2011	D	Site de busca Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_fc9fd0b58eac3eeeb18c590ed7d198e6
11	Tecendo fios nos espaços e tempos da escola na Prisão.	2013	T	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=123343
12	Mulheres delinquentes: uma longa caminhada até a Casa Rosa	2000	D	Site de buscas Acervo Paulo Freire	http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspuixmlui/handle/7891/2635?locale-attribute=pt_BR
13	Educação entre as grades o espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos apenados	2006	D	Site de buscas Biblioteca FADERGS Centro Universitário	http://biblioteca.fadergs.edu.br/nycia_nadine.pdf
14	Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	2014	T	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1591145
15	“Palavras da salvação”: As representações da leitura na prisão	2004	D	Site de buscas Repositório Institucional da UFSC	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87436

16	Para além do cárcere: o significado reeducativo da pena privativa de liberdade em uma instituição penal para mulheres em São Luís	2010	D	Site de buscas Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMA	https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/189 -
17	Reincidentes da Penitenciária de Benguela: prisão e história em Angola	2014	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1304725
18	Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com Mulheres aprisionadas	2013	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=459091
19	Uma ala para travestis, gays e seus maridos: pedagogias institucionais da sobrevivência no presídio central de Porto Alegre	2014	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1746985
20	Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência	2014	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1406863
21	Processos educacionais no cárcere: um estudo sobre as representações sociais de jovens e adultos na prisão	2016	D	Site de buscas Repositório Institucional da UFRN	https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23706
22	O sentido da educação para mulheres em privação de liberdade: vivências e perspectivas	2016	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3618355
23	Práticas de leitura, escrita e letramento na Penitenciária Feminina em Cuiabá-MT a visão da professora e suas alunas.	2013	D	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=93261
24	Cartografias de um currículo encarcerado	2015	T	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2368594

25	A arte de viver em cubículos: um diagrama auto/otobiográfico com Nietzsche e prisioneiros sobre a prisão.	2013	T	Banco da Capes - Plataforma Sucupira	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=133599
26	A política de ressocialização no Brasil: Instrumento de Reintegração ou de Exclusão Social?	2011	D	Site de buscas Biblioteca da UFPB	http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4616/1/arquivototal.pdf

Fonte: Elaborado pela autora.

O contato com esses 26 trabalhos nos fez perceber que alguns tinham como sujeito de pesquisa apenas a pessoa presa e outros traziam também para as análises as vozes de outras pessoas envolvidas com o sistema prisional. Desta forma, optamos por selecionar para o aprofundamento das análises apenas os trabalhos que traziam exclusivamente a voz do preso. Com isso, identificamos que em 12 destes textos são ouvidas outras vozes juntamente com a da pessoa presa no processo de construção das teses e dissertações. Ficamos então com 14 produções que utilizam exclusivamente a voz da pessoa encarcerada. A fim de melhor focarmos na perspectiva que nos interessava investigar, selecionamos dentre esses 14 trabalhos aqueles que tinham como objeto de estudo a compreensão e impressões da pessoa presa a respeito da educação formal.

Ao final deste último recorte ficamos com um total de oito produções³, sendo três teses e cinco dissertações. Desta forma, partimos para a leitura na íntegra destes trabalhos com o objetivo de identificar e analisar de maneira mais profunda as metodologias utilizadas pelos pesquisadores no momento da coleta das vozes dos sujeitos aprisionados. Com isso, a leitura nos permitiu identificar que dois destes trabalhos em um determinado momento da pesquisa apresenta trechos de relatos envolvendo outros agentes além do próprio preso, porém é importante ressaltar que os autores deixam claro na descrição da parte metodológica que a presença destes relatos ocorre em razão das mesmas justificarem alguns dados da pesquisa e ressaltam que o foco principal de suas pesquisas é ouvir predominantemente a pessoa presa. Resolvemos manter estes trabalhos em nossas análises por considerarmos que estas outras vozes não se fazem presentes no decorrer dos trabalhos e não comprometem o espaço de voz destinado ao preso na pesquisa.

3.3 Análises dos dados coletados

As análises dos dados coletados na pesquisa foram realizadas a partir da técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), conceituado pela autora como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p.)

Desta forma, segundo a autora, a análise de conteúdo consiste em uma técnica metodológica que analisa as comunicações com o objetivo de compreender todos os aspectos

³ Os oito títulos dos trabalhos estão disponíveis no anexo.

que envolvem os conteúdos que estão por trás dos textos analisados. Para tanto, Bardin (2016) indica a utilização de três fases fundamentais: (1) pré-análise, (2) exploração do material, (3) o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A primeira fase se refere a organização do material e é caracterizada pelas seguintes etapas: a leitura flutuante para conhecimento do material que será analisado; escolha dos documentos; a formulação das hipóteses e objetivos e, por último, a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores. A segunda diz respeito à exploração do material que ajudará a definir e codificar as categorias para as análises, esta fase é caracterizada pela codificação, classificação e a categorização. E a terceira fase da análise conteúdo é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos.

Na presente pesquisa, foi feito o uso desta técnica para as análises das teses e dissertações que tratam da Educação em espaços de privação de liberdade. Para tanto, seguimos todos os passos indicados por Bardin (2016) em que primeiramente realizamos a pré-análise dos dados obtidos na plataforma consultada com a leitura flutuante que nos permitiu excluir alguns trabalhos e em seguida realizamos a escolha dos documentos a serem analisados de forma mais detalhada posteriormente.

Em seguida, foi feita a exploração do material, onde classificamos os dados obtidos segundo o objetivo geral da nossa pesquisa. Da análise dos trabalhos emergiram os temas. Aqueles temas que se repetiam com mais frequência foram agrupados a fim de melhor identifica-los no processo de categorização que é definida por Bardin (2016, p.147) como:

uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2016, p.147).

Ainda segundo a referida autora, a categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o inventário que significa isolar os elementos; e a classificação que se refere a repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens.

Assim, a partir do agrupamento dos temas surgiram as categorias.

4 EDUCAÇÃO NA PRISÃO: PANORAMA GERAL DO ESTADO DA ARTE

Neste capítulo iremos discutir os dados da pesquisa relativos às análises quantitativas sobre o estado da arte da Educação em prisões. Apresentaremos, portanto, nossas análises a partir dos dados numéricos que obtivemos por meio das informações consultadas no Banco de Dissertações e Teses da CAPES.

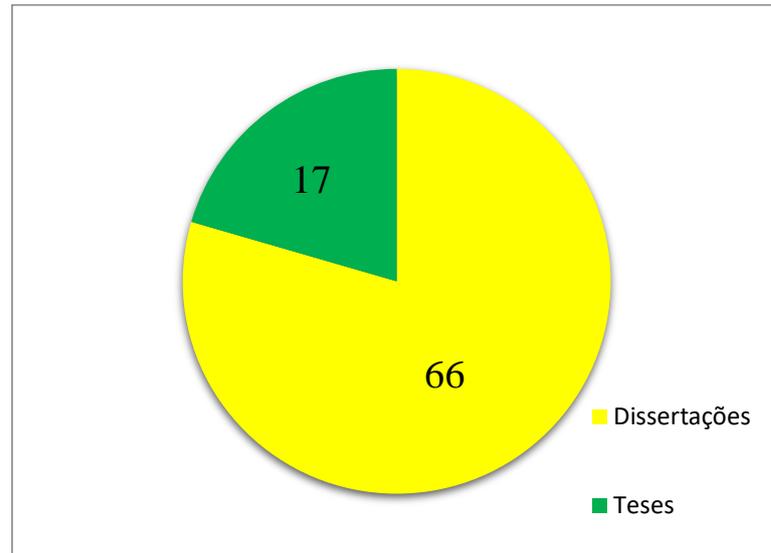
4.1 Situação geral dos trabalhos acadêmicos sobre Educação em contexto de encarceramento.

Os dados obtidos nesta pesquisa foram encontrados através de um levantamento feito no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem como objetivo auxiliar o acesso às produções feitas junto a programas de pós-graduação do país, apresentando teses e dissertações defendidas a partir do ano de 1987. Nesta pesquisa, encontramos 1557 produções relacionadas à prisão, das quais apenas 83 se relacionam com a Educação, todas elas concluídas no período de 1989 a 2016.

Considerando o resultado desse levantamento de dados, podemos perceber que apenas 5% das pesquisas nas prisões relacionam-se à educação. Tal dado nos conduz a percepção de que o número de produções acadêmicas no Brasil relacionadas à educação em contextos de privação de liberdade ainda é pequeno, quando comparado às outras temáticas estudadas nesse espaço. O número absoluto de 83 trabalhos acadêmicos sobre educação na prisão, realizados num período de 27 anos, também evidencia que esta temática ainda é pouco discutida e explorada.

No gráfico 01 podemos visualizar o quantitativo de teses e dissertações dentre os 83 trabalhos produzidos sobre a temática.

Gráfico 01: Percentual de teses e dissertações sobre educação em prisões

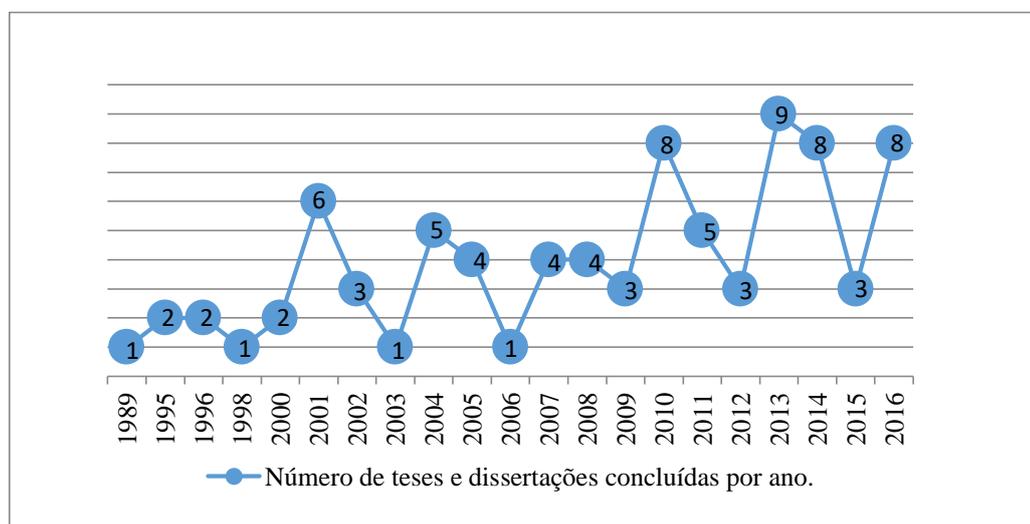


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da CAPES.

Conforme pode ser visto no gráfico acima há consideravelmente mais dissertações desenvolvidas na área do que teses, o que reforça a análise de que a temática ainda é carente de estudos mais aprofundados.

O gráfico 02 permite observar o quantitativo de produções feitas por ano no período compreendido entre 1989 e 2016.

Gráfico 02: Produções sobre Educação em espaços de privação de liberdade, feitas entre os anos de 1989 e 2016.



Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados da CAPES.

Ainda que não seja linear e constante, podemos visualizar um crescente número de produções a partir do ano 2000 em relação à década de 90, principalmente a partir de 2010, com um total de 44 produções nos últimos seis anos, o que representa mais de 50% dos trabalhos encontrados. Com isso é possível constatar que o interesse dos pesquisadores por este tema vem crescendo significativamente.

Este fato pode estar relacionado à criação e aumento das políticas voltadas para a educação em prisões, tal como as Diretrizes que garantem a Educação nos espaços de privação de liberdade (Resolução nº- 03, de 11 de março de 2009), as Diretrizes Nacionais para Educação em Prisões (Resolução CNE/CEB nº 02, de 19 de maio de 2010), a Lei de Remição de pena por leitura e estudo (Lei nº12.433, de 29 de junho de 2011) e a criação dos Planos Estaduais de Educação em Prisões, dentre outras conquistas em âmbitos internacionais e nacionais que buscam garantir a oferta de educação nestes espaços nos últimos anos.

Na atualidade as funções da prisão estão fundamentadas em três eixos: (1) Punir a pessoa que comete a infração; (2) Proteger a sociedade dos infratores e (3) (Re)socializar a pessoa presa para que a mesma não volte a reincidir no crime. Para tanto, a educação tem grande importância, visto que os dois últimos eixos dependem fundamentalmente do papel da educação. Porém, o que se percebe é que no universo acadêmico ainda faltam estudos que busquem contribuir para compreender o espaço prisional como uma instituição educativa.

Hoje o espaço prisional tem destacado cada vez mais a importância da educação como um dos importantes instrumentos no processo de (re)socialização dos sujeitos privados de liberdade. É fundamental que saibamos, entretanto, distinguir a quem compete cada papel e responsabilidade. A (re)integração social é responsabilidade do Sistema Penitenciário, ou seja, compete a ele oferecer meios para que o indivíduo possa voltar em melhores condições para a sociedade. Porém, a educação é um instrumento indispensável nesse processo. Nesse sentido, Julião (2007, p. 47) afirma que:

a escola nos presídios tem uma enorme responsabilidade na formação de indivíduos autônomos, na ampliação do acesso aos bens culturais em geral, no fortalecimento da autoestima desses sujeitos, assim como na consciência de seus deveres e direitos, criando oportunidades para seu reingresso na sociedade.

Além disso, a educação é promotora da formação do senso crítico do indivíduo, e neste caso, auxilia no entendimento e valorização da liberdade que, conseqüentemente, resulta em melhores condutas tanto na sua temporária situação no aprisionamento quanto na vida social na sociedade livre.

Avançar na produção de conhecimentos científicos nessa temática se faz urgente, pois são esses saberes ordenados e sistematizados que irão possibilitar compreender melhor esse

espaço e pensar as políticas públicas necessárias para fortalece-lo enquanto instituição educativa.

4.2 O estado da arte em sua distribuição geográfica no território nacional

Após organizar os dados relativos aos locais onde foram produzidas as 83 teses e dissertações analisadas, partindo da informação do Estado em que foram defendidos tais trabalhos, foi possível confeccionar o Mapa 01, apresentado abaixo.

Mapa 01: Distribuição das produções por Estados brasileiros.



Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados disponibilizados pela CAPES.

O mapa acima evidencia que o maior número de produções acadêmicas prevalece nas regiões mais desenvolvidas do país, como as regiões Sul e Sudeste.

A região Sudeste aparece liderando, com um total de 32 produções concluídas sobre o tema em estudo, representando 38,5% das produções totais, seguida da região Sul com 23 produções, que representam 27,7%. Já a região Nordeste ocupa a terceira posição com 15 registros de produções, correspondente à 18,01% e o Centro-Oeste em quarto lugar com 13 produções, equivalente à 15,7%. A região Norte, por sua vez, não apresenta nenhuma produção

no período analisado. Porém, Costa (2016) constatou através de dados obtidos no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que existem registros de três dissertações concluídas na referida região brasileira, sendo elas desenvolvidas nos estados de Amazonas, Acre e Pará entre os anos de 2013 a 2015.

Na tabela 02 abaixo é possível observar o número de pessoas presas por regiões brasileiras.

Tabela 02: Relação entre número de presos e produções sobre educação em prisões por região brasileira.

Região	Quantidade	% De Presos	% De Produções
Sudeste	378.047	52,05%	38,55%
Nordeste	129.742	17,86%	18,07%
Sul	107.040	14,74%	27,72%
Norte	50.285	6,93%	0%
Centro – Oeste	61.161	8,42%	15,66%
Total	726.275	100%	100%

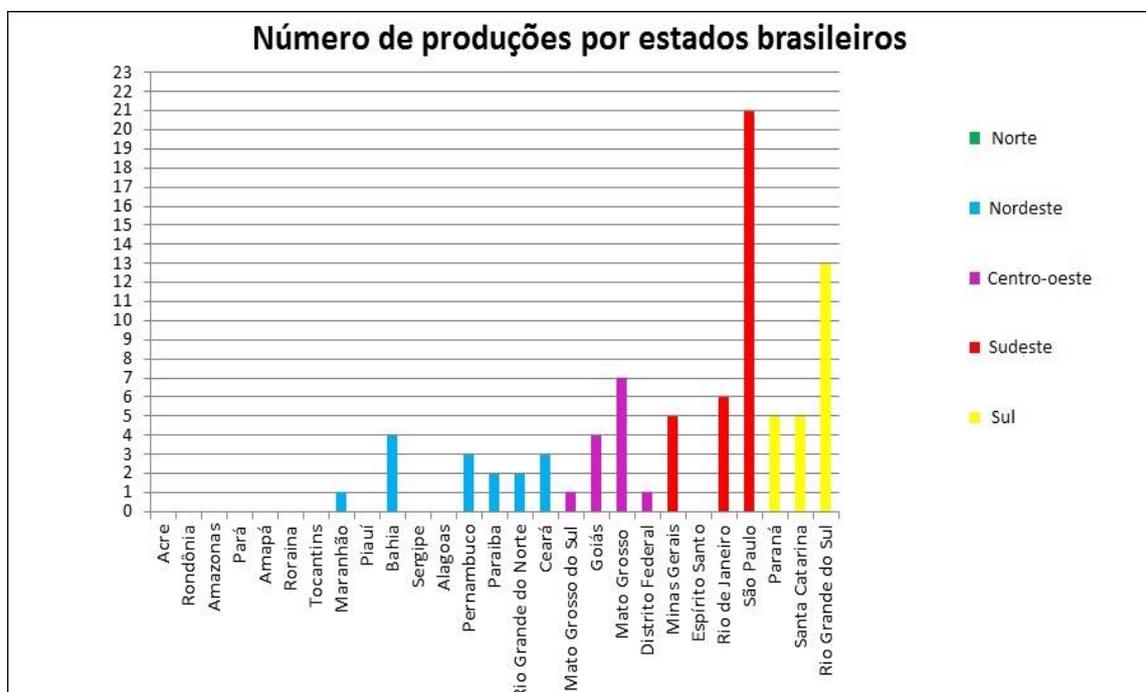
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do relatório do Levantamento nacional de informações penitenciárias – INFOPEN de Junho 2016.

Observando os dados acima é possível perceber que o número de pessoas presas por regiões não obedecem a uma proporção exata em relação à porcentagem de produções acadêmicas. Porém, a região Sudeste ocupa o primeiro lugar tanto em números de população carcerária quanto no número de produções concluídas no período de 1989 a 2016. A região Nordeste, que no mapa de distribuição de produções ocupa o terceiro lugar, nesta análise está sendo a segunda maior população carcerária do Brasil e isso se repete em relação ao número de produções acadêmicas sobre a temática. A região Sul, entretanto, apresenta proporcionalmente o número de produções maior que a quantidade de presos em relação à distribuição nacional, este fato talvez se justifique por conta de o estado do Paraná ser uma das referências em estudos sobre esta temática na referida região.

A região Norte não possui registros de produções acadêmicas conforme dados da CAPES, porém, quando se trata do número de pessoas presas é a menor população carcerária do país. Ainda que não apresente uma proporção exata, é possível perceber que as regiões com maior população carcerária, são também as que apresentam maior número de produções acadêmicas sobre educação em contexto de encarceramento.

A distribuição das 83 produções por estados brasileiros está organizada no gráfico 03 apresentado abaixo:

Gráfico 03: Distribuição do número de produções feitas por estados brasileiros.



Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados da CAPES.

A partir do gráfico acima é possível perceber em quais estados prevalecem os maiores números de produções. Apesar da região sudeste ser a líder em produção de trabalhos na área da educação em contexto de privação de liberdade, nota-se que isso se deve à elevada representatividade do Estado de São Paulo. Este dado pode estar relacionado ao fato deste ser o estado com o maior número de presos no país, com um total de 240.061 pessoas segundo o relatório de junho de 2016 do Infopen. É importante notar que os demais estados da região sudeste não têm quantitativo de produções muito maiores que os demais estados das regiões sul, centro-oeste e nordeste. Destaque importante também é que o estado do Espírito Santo não possui nenhuma produção, assim como a os estados da região norte.

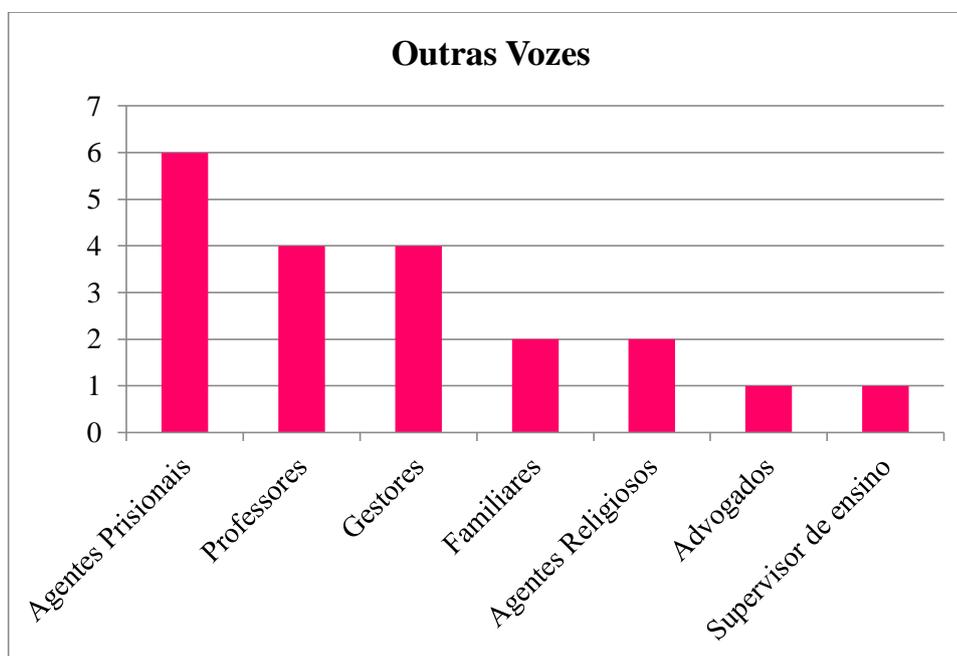
Podemos visualizar também a lacuna existente nos estados da região Norte onde não existem registros de produções, mesmo sendo a região Norte uma das que ultimamente vem acontecendo várias rebeliões e massacres em seus presídios, a exemplo dos últimos ocorridos em 2017 em Manaus, com 56 mortos, e em Roraima, com 33 mortos, os quais, se somados, chegam perto do número registrado no maior massacre já ocorrido no país “O massacre do Carandiru” ocorrido em 1992 com um total de 111 mortos.

4.3 Outras vozes ouvidas junto com a das pessoas presas

O recorte de análise que é foco desse trabalho consiste na voz da pessoa em situação de privação de liberdade. Porém, dos 26 trabalhos selecionados nessa perspectiva evidenciamos que 14 trazem exclusivamente a voz da pessoa presa e 12 trazem a voz de outras pessoas além da das pessoas presas. Nota-se, assim, que um número considerável de trabalhos busca complementar ou dividir o espaço de voz da pessoa presa com outros agentes.

No gráfico 04 estão apresentadas essas outras vozes que aparecem nos trabalhos analisados trazendo contribuições sobre a educação em espaços de privação de liberdade.

Gráfico 04: Outras vozes presentes nos trabalhos sobre educação na prisão.



Fonte: Elaborado pela autora com base na análise feitas das teses e dissertações.

Identificamos que os trabalhos sobre educação, além dos presos, outra figura que também está sendo bastante ouvida são os agentes prisionais que são responsáveis pelas atividades de assistência, atendimento e segurança dentro das unidades penitenciárias. Esse grupo de pessoas é ouvido no sentido de expor suas visões sobre a educação e muitas vezes sobre o comportamento dos presos em relação ao desenvolvimento das atividades e disciplinamento dos presos dentro dos espaços de aula nas atividades de educação.

Outra presença são os/as professores/as que trabalham dentro dos espaços de privação de liberdade, além de outras representações como os gestores, supervisores e administradores

do sistema prisional e a presença da visão das famílias sobre a educação oferecida aos seus familiares que se encontram na situação de encarceramento.

Devemos considerar a presença destas outras vozes para justificar ou até mesmo complementar algumas informações obtidas através das vozes dos próprios presos tendo em vista que:

“É necessário ponderar ainda que o detento, para se safar da prisão, forja uma imagem, e isso se materializa na capacidade de dissimular, mentir e se conter. Daí ser comum ouvir dos presos avaliações positivas do trabalho, da educação escolar e de outras atividades que a instituição oferece. Nem sempre falam o que realmente pensam, mas o que convém para o momento.” (Santos, 2007, p.100)

Desta forma, dividir o espaço de voz com outras pessoas nas pesquisas acadêmicas, principalmente para aqueles pesquisadores que não possuem um vínculo ou uma relação de confiança, é uma alternativa para se obter dados mais precisos e informações mais verídicas. Com isso, percebemos o quão difícil é escutar a voz dos presos, pois não é tão simples estabelecer estes laços de confiança entre pesquisador e o preso e para isso acontecer precisa-se de tempo de convivência. Por essa razão, muitos pesquisadores optam por utilizar cadernos de campo onde conseguem registrar informações que surgem de maneira natural da parte da pessoa presa, informações estas que não são expressas de forma oral.

5 AS VOZES DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO NAS PRISÕES NO ESTADO DA ARTE

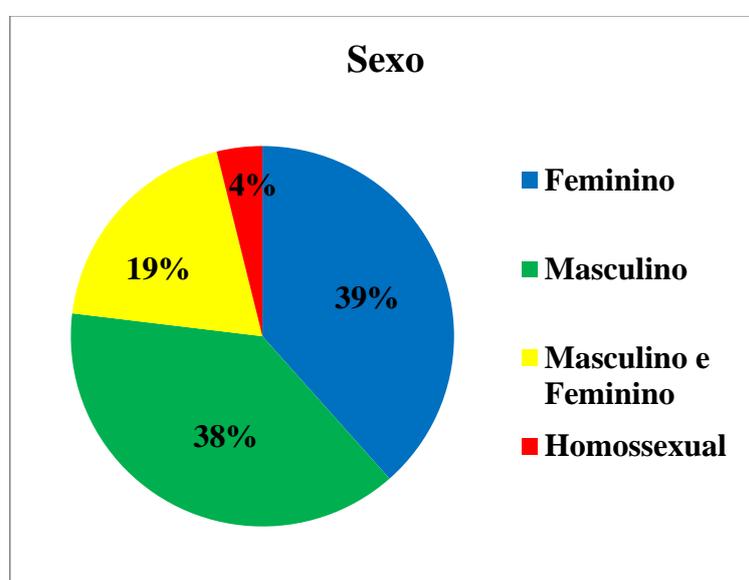
Neste capítulo iremos analisar de que modo às vozes dos sujeitos da educação em espaços de privação de liberdade estão sendo apresentadas nas produções acadêmicas. Para tanto, nos valeremos tanto de análises quantitativas quanto qualitativas.

5.1 Sexo das pessoas presas nos trabalhos acadêmicos

O sistema prisional é composto majoritariamente por homens e, segundo dados do relatório do Infopen de junho de 2016, o Brasil conta com uma população carcerária de 726.712 presos. A destinação da pessoa infratora segue, atualmente, orientação apenas de cunho biológico. Ou seja, há apenas unidades masculinas ou femininas. Se a pessoa for homossexual, travesti, transexual, etc., a definição de sua destinação estará atrelada apenas ao seu sexo biológico.

Com base nas informações das 26 teses e dissertações que trabalham com as vozes das pessoas presas, foi elaborado o gráfico 05, por meio do qual pode-se visualizar a voz de qual sexo que está sendo apresentada nas produções acadêmicas.

Gráfico 05: Sexo da pessoa presa no estado da arte.



Fonte: Elaborado pela autora com base na análise feitas das teses e dissertações.

Os dados revelam que, apesar de a população carcerária ser majoritariamente do sexo masculino, quando a pesquisa está focada na perspectiva da pessoa presa as produções acadêmicas sobre educação em espaços prisionais não seguem esta proporção. Ou seja, homens e mulheres tem igualmente suas vozes sendo representadas nesse recorte de análise. Esse dado é relevante pois os espaços prisionais não foram, historicamente, pensados para as especificidades femininas. É, portanto, bastante significativo notar que no viés educacional as mulheres têm sido escutadas tanto quanto os homens. Quando não são as únicas a serem ouvidas, as vozes das mulheres aparecem nos trabalhos juntamente com os homens.

Além da prisão não ser planejada para o público feminino, devemos destacar que as concretizações dos direitos da mulher são ainda mais difíceis para a mulher presa. O encarceramento feminino deve considerar vários aspectos que individualizam a população prisional feminina, uma vez que a composição do perfil desta população envolve: mães; filhas; esposas; avós; jovens; idosas; negras; indígenas; estrangeiras; lésbicas; heterossexuais dentre tantas outras categorias. Para tanto, Cerneka (2009, p.70) ressalta que:

Tanto na prisão quanto na comunidade, a mulher precisa de programas de apoio psicossocial, programas terapêuticos e grupos de auto-ajuda, consultas para lidar com dependência química, saúde mental, abuso sexual, violência doméstica, e programas para ser mãe.

Com isso, percebemos que além das diferenças no tratamento entre homens e mulheres na prisão, é importante pensar nas consequências do encarceramento na vida da mulher e suas famílias, principalmente relacionadas ao fato de serem mães. O encarceramento das mães gera reflexos no desenvolvimento dos filhos que ficam sob os cuidados de familiares ou sob custódia do Estado e, assim, se veem obrigados a crescer na ausência da presença materna devido ao fato de esta presa.

Desta forma, segundo Lopes (2004, p. 49), “quando uma mulher é presa ocorre um rompimento absoluto da estrutura familiar”, nesse sentido, estando na condição de encarceradas as mulheres acabam sendo privadas não só da sua liberdade, mas, sobretudo do seu direito à maternidade, além da sua intimidade e saúde. Com isso, os efeitos do encarceramento para a vida mulher se tornam ainda mais profundos em relação ao homem, pois quando o mesmo é preso, geralmente a mulher fica com os filhos. Entretanto, quando a mulher é presa na maior parte das vezes não há o pai para ficar e cuidar da criança.

Desta forma, as representações das vozes das mulheres em relação às dos homens sobre o universo prisional revelam-se ricas de significados e fundamentais para possibilitar a compreensão das ações voltadas para a mulher nestes espaços.

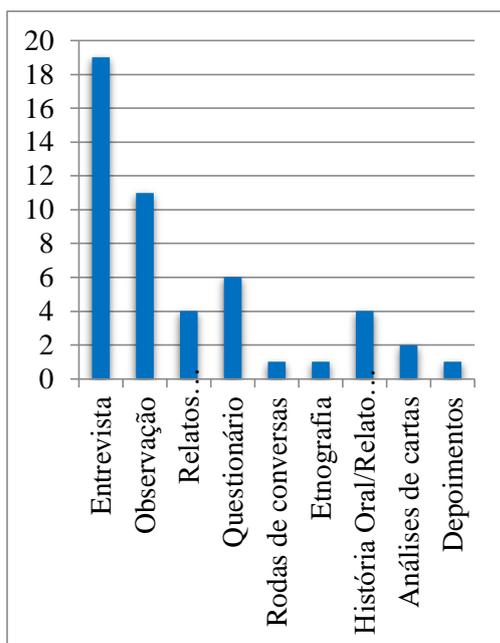
Se as prisões não foram pensadas nem para as especificidades femininas, que dirá para as das pessoas homossexuais/Transexuais. Entretanto, nesta pesquisa, encontramos uma dissertação que apresenta as vozes deste grupo, intitulada: *“Uma ala para travestis, gays e seus maridos: pedagogias institucionais da sobrevivência no presídio central de Porto Alegre”*. A dissertação trata especificamente de como foi criada uma ala destinada inicialmente para travestis e em seguida para receber gays, bissexuais e os maridos das travestis no Presídio Central de Porto Alegre. O espaço, que recebeu o nome de Ala LGBT, é de grande importância para se pensar a prisão na contemporaneidade, sobretudo considerando-se a histórica realidade estrutural e administrativa dos presídios que coloca esse grupo, historicamente malvisto, como alvo fácil de preconceitos e violências.

Desta forma, o texto apresenta através das falas das pessoas que utilizam a Ala LGBT e dos administradores do presídio as experiências de vida deste grupo e os significados que eles atribuem às mudanças em suas vidas a partir da criação dessa ala. A dimensão educacional nas análises da pesquisa centra-se, portanto, no âmbito da educação informal. Revela-se assim que existem trabalhos preocupados em ouvir a voz desse grupo de pessoas no cárcere, porém ainda são pouco expressivos em termos de quantidade.

5.2 Como as vozes das pessoas presas estão sendo coletadas?

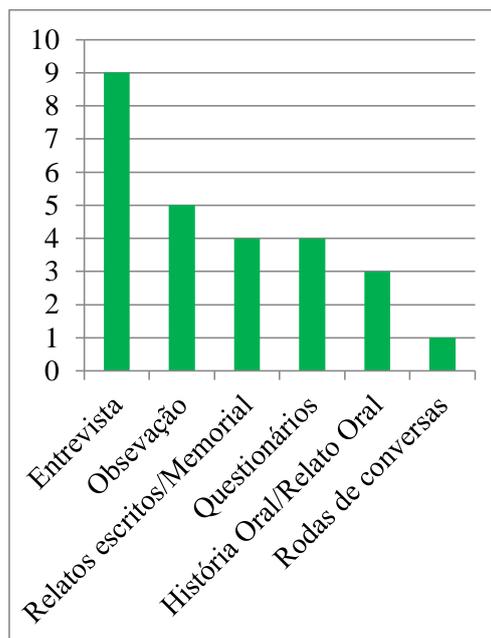
São diversas as formas que um pesquisador pode utilizar para obter os resultados desejados para suas pesquisas, seja por meio de dados numéricos ou não. No caso das pesquisas que optam por ouvir um ou mais públicos é possível fazer uso de diversos recursos metodológicos. Nesse sentido, a fim de melhor compreender como as vozes das pessoas presas foram coletadas para a produção dos trabalhos acadêmicos procedemos à análise das metodologias utilizadas em cada trabalho. Tais informações foram organizadas nos gráficos 06 e 07 apresentados a seguir:

Gráfico 06 - Análise geral das metodologias utilizadas em todos os 26 trabalhos analisados.



Fonte:

Gráfico 07- Análise das metodologias utilizadas exclusivamente nos trabalhos com as pessoas presas.



Elaborado pela autora com base na análise feitas das teses e dissertações.

Através da análise da metodologia utilizadas na produção das teses e dissertações sobre educação em prisões, foi possível observar que tanto na análise geral quanto nos trabalhos que tratam exclusivamente da voz da pessoa presa os pesquisadores optaram por utilizar majoritariamente as entrevistas para coleta das vozes dos presos. Porém, esta mesma metodologia aparece sendo utilizada atrelada a outras, como a observação e questionários abertos, além de ser utilizada juntamente com outras formas de coleta de dados como história oral, memorial e etnografia.

Percebemos também a utilização dos diários de campo, através das observações feitas nos campos de pesquisas. Este instrumento de coleta de dados permite, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.150), “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Assim, os registros feitos no diário de campo permitem que o pesquisador descreva de forma detalhada tudo que conseguiu observar e sentir durante a pesquisa, captando sobretudo aquelas informações que não são expressas através da fala, como por exemplo: as manifestações relacionadas aos sentimentos como tristeza, euforia, alegria dentre outros, além de registrar os gestos e até mesmo a presença do silêncio.

Apesar de todas as dificuldades encontradas para se obter contato com os presos e conseguir incorporar suas representações nos trabalhos científicos, observa-se que as pesquisas que tratam da educação nos espaços de privação de liberdade, em sua maioria, utilizam dos métodos de coleta de dados em que o pesquisador acaba tendo contato mais direto com a pessoa presa.

Ouvir o homem preso não é uma tarefa simples, pois, sendo a ordem e a disciplina marcas da ambiência prisional, todas as atividades que ocorrem em seu interior buscam esses objetivos; portanto o encarcerado é tratado não como sujeito, mas como objeto nesse processo de reabilitação. Sendo assim, dar voz ao detento se configura em uma tarefa desafiadora diante de um ambiente marcado pelo fechamento e isolamento. (SANTOS, 2007, p.100).

Percebemos com isso o grande desafio de se estabelecer relação de confiança entre o pesquisador e a pessoa presa, considerando o contexto em que ela se encontra para que consiga se expressar. A utilização das entrevistas nas produções pode ser considerando bastante positivo, pois é uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa entrevistada, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca de um determinado assunto.

Porém, é importante ressaltar que os dados apresentados nas pesquisas acadêmicas se tornam mais consistentes quando o pesquisador já possui um vínculo com o universo prisional, pois isso faz com que a relação de confiança se efetive de forma mais positiva com todos os agentes que envolvem o sistema prisional, desde o preso até a gestão, favorecendo a coleta dos dados. Sem o estabelecimento desse vínculo, sobretudo com a pessoa presa, pode ocorrer de o contato do pesquisador com a prisão seja muito restrito à pesquisa acadêmica, não evidenciando assim informações que somente uma pessoa que conhece há mais tempo o espaço pesquisado pode ter acesso.

Os benefícios obtidos através desta relação de confiança e do uso destas metodologias de coleta de dados podem ser evidenciados nas pesquisas que optam por usarem as entrevistas ou rodas de conversas atreladas as observações feitas e registradas nos diários de campo, pois com isso são coletadas ricas informações relacionadas a todos os aspectos que podem não ser possíveis através de outros métodos de pesquisas em que a pessoa não tem contato direto com o pesquisador.

A fim de compreender com mais profundidade como as vozes das pessoas presas estão sendo coletadas, no quadro 02 organizamos de forma detalhada as metodologias utilizadas pelos pesquisadores dos 08 trabalhos que trazem exclusivamente as vozes das pessoas presas.

Quadro 02: Metodologia detalhada dos oito trabalhos que ouvem exclusivamente o preso. Fonte: Elaboração própria.

Trabalho	Metodologia Utilizada para Coleta das Vozes
01	Foi feita observação de uma sala de aula de 40 alunos. Obteve-se as vozes de alunos dessa sala através de depoimentos, entrevistas semiestruturadas, questionários e observação. Nas entrevistas e questionários os presos falavam suas opiniões a respeito da atual situação do sistema penitenciário brasileiro.
02	Os encontros ocorriam uma vez por semana, às sextas-feiras com aproximadamente duas horas de duração cada com a participação de 11 presos. As vozes foram obtidas por meio das rodas de conversas (gravadas e transcritas), observações (diário de campo) e reflexões escritas pelos participantes.
03	A pesquisa foi feita em seis unidades prisionais com 27 presos monitores, sendo 26 homens e 1 mulher. As vozes foram coletadas por meio de história oral e entrevistas que foram realizadas nos espaços das salas de aula e nas bibliotecas com duração de 50m a 1h e 20 min. Após isso foi feita a transcrição integral dos dados gravados. Todo o processo de coleta de dados durou 4 meses.
04	Foram selecionadas 15 alunas, sendo que algumas delas cursavam o terceiro ano do ensino fundamental e outras o segundo ano do ensino médio. As reuniões com as alunas ocorriam na sala de leitura onde foram gravadas as vozes das alunas, estas conversas duravam 2 horas com todas juntas para posteriormente produzirem os murais. Foram confeccionados nove memoriais (feitos nos cadernos) relacionados a suas trajetórias de vida e suas memórias dos tempos de escola, contendo: textos escritos pelas presas, figuras, pinturas e desenhos que de alguma forma relacionavam-se com suas vidas.
05	Foram feitas observações participantes, aplicação de questionários quantitativos e entrevistas com estudantes das turmas de Educação de Jovens e Adultos. Eram 10 mulheres matriculadas nas turmas de Alfabetização/Nivelamento; duas estudantes do Ensino Fundamental e cinco do Ensino Médio. As entrevistas foram realizadas nas rodas de conversa. Os encontros tinham duração aproximada de 1h30min às 2h, realizados uma vez por semana em conjunto com um projeto de xadrez desenvolvido por um dos professores da escola, porém, só se acompanhou três encontros, pois depois de um tempo foi suspenso o projeto de xadrez. Com isso as rodas de conversas e entrevistas passaram a ser realizadas em conjunto com as aulas de alfabetização/nivelamento. Foram registradas conversas informais em diário de campo, além das entrevistas em profundidade realizadas com cada turma da escola.
06	Foram entrevistados 10 internos que estavam envolvidos com atividades laborais na cozinha do presídio e que tiveram pouco ou nenhum contato com Educação Formal antes da prisão. As entrevistas eram semiestruturadas com um roteiro de seis questões, todas as respostas foram gravadas.
07	Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observações e registros em caderno de campo. Foram entrevistadas quatro mulheres presas. Foram observadas as vivências destas mulheres que trabalhavam na oficina de costura, que não se trata de um curso de costura, mas realmente uma oficina, onde as presas costuravam os uniformes para abastecer o próprio Sistema Penitenciário. No início da pesquisa eram apenas 8 mulheres na oficina, com o passar dos dias passaram a ser 16, e assim foram ouvidos os relatos de todas e a maioria estava matriculadas em alguma classe de ensino. As visitas à Penitenciária ocorreram no período de aproximadamente 4 meses, incluindo as entrevistas com as presas e observação de todo o fluxo de pessoas nas rotinas da instituição.
08	Foram feitas observações e entrevistas com três questões semiestruturadas com 25 egressos da prisão que são assistidos pela assistência social. As entrevistas foram feitas individualmente agendadas previamente com cada egresso.

Através das análises destas metodologias, foi possível observar que os pesquisadores em sua grande maioria optaram por ouvir grupos de mais de 10 pessoas, chegando a participação de até 40 entrevistados em uma só pesquisa.

Os momentos destinados a escuta destas vozes duravam, em média, de 1h30min às 2h, sendo algumas entrevistas realizadas de forma individualizada e outras em grupo. Portanto, alguns preferiram ouvir a pessoa presa através de momentos de conversas em grupos, com a estratégia de que na presença de outras pessoas no mesmo grupo conseguissem expressar suas angústias, emoções, pensamentos de forma mais natural. Alguns pesquisadores também fizeram uso de gravadores, o qual permite captar as vozes de maneira fiel e literal.

Observa-se também a utilização do formato de entrevistas semiestruturadas, o que possibilita flexibilidade ao pesquisador. Ou seja, há um roteiro de questionamentos previamente pensado, porém, se considerar necessário, no momento da entrevista pode acrescentar algo a partir da fala do entrevistado, sem comprometer o objetivo de sua pesquisa.

Com base na descrição das metodologias utilizadas em cada tese e dissertação analisada, é possível perceber a forma como ocorreu o desenvolvimento de cada pesquisa. Com isso, destacamos que alguns pesquisadores coletaram suas informações nos momentos do desenvolvimento das práticas educativas dentro dos presídios, como nas salas de aulas ou em conjunto com o desenvolvimento de oficinas. Enquanto outros tiveram acesso aos privados de liberdade e coletaram seus dados em momentos particulares, nos quais os pesquisadores ficavam a sós com seus entrevistados.

5.3 Quais os principais temas cujas vozes são ouvidas?

As produções que tratam da educação desenvolvida nos espaços de privação de liberdade expressam vários aspectos e temas relacionados a esta prática. Desta forma, com base no levantamento feito e nas análises realizadas das 26 teses e dissertações que trabalham com a voz da pessoa presa, organizamos as informações extraídas dos trabalhos e agrupamos em categorias, as quais estão apresentadas no quadro 03 onde podemos visualizar os assuntos que abrangem cada tema destacado nesta análise.

Quadro 03: Categorias que emergiram das análises das teses e dissertações.

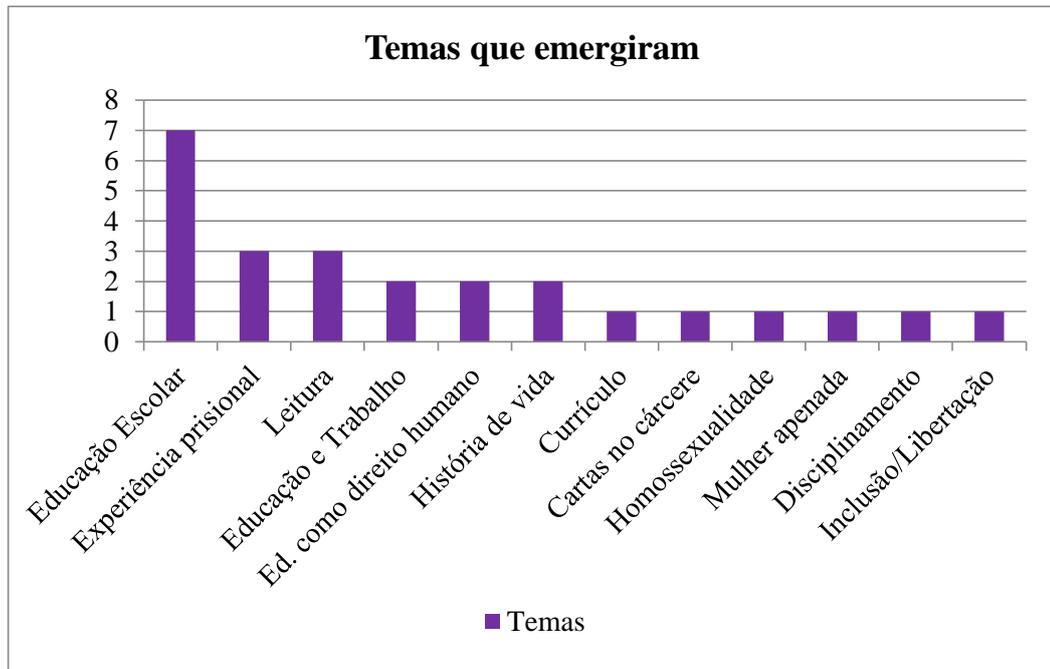
Categoria	O que abrange
1. Educação como direito humano	Como ocorre o desenvolvimento da educação oferecida dentro dos espaços de privação de liberdade em todos seus aspectos e como é sua relação com as legislações que a garantem.
2. Educação escolar	A visão dos presos sobre o significado da educação que lhes é oferecida dentro dos presídios e sua influência nas suas vidas.
3. Educação e trabalho	Análise da educação e das atividades de trabalho para todos os envolvidos nestes processos.
4. Experiência prisional	As experiências e aprendizagens (re) construídas no cárcere na condição de encarcerados, bem como as práticas educativas que ocorrem informalmente e seus efeitos dentro e fora da prisão.
5. Inclusão/libertação	Libertação do ser humano diante das amarras do preconceito e da exclusão social.
6. Disciplinamento	Como acontece o disciplinamento dos presos dentro das salas de aula no interior das prisões, reflexões sobre o que os faz agir de maneira diferente nesse lugar em relação aos outros locais dentro e fora da prisão.
7. Leitura	As representações dos presos sobre as atividades de leitura que desenvolvem na prisão e as práticas que norteiam as práticas de leitura, escrita e letramento.
8. Mulher apenada	Os efeitos do encarceramento de mulheres na sua identidade e sua inclusão social
9. Homossexualidade	Reflexões acerca da criação de um espaço específico para este público dentro das prisões e como ele é visto.
10. História de vida	As experiências e trajetórias de vida, memórias antes e dentro do cárcere.
11. Currículo	As configurações do currículo para Educação de Jovens e Adultos na educação prisional.
12. Cartas no cárcere	Os significados e as demandas dos presos bem como os conteúdos das cartas, a linguagem, discursos e utilizados pelos presos.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas análises feitas das teses e dissertações.

Com isso, podemos observar que os temas que emergiram das análises feitas destas produções variam bastante. Vão desde as metodologias de ensino e todos os aspectos relacionados a educação formal até o sexo da pessoa presa envolvendo a presença das mulheres e da homossexualidade presente neste espaço.

O gráfico 08 indica as preponderâncias dessas categorias nos trabalhos analisados, evidenciando que, dentre todos os temas, a educação escolar é o assunto mais discutido nos trabalhos que envolvem a educação nos espaços de privação de liberdade.

Gráfico08: Temas que surgiram nos 26 trabalhos analisados.



Fonte: Elaborado pela autora com base nas análises feitas das teses e dissertações.

Os gráficos 09 e 10 ilustram a representação das pesquisas feitas sobre educação organizadas nas categorias de educação apresentadas no quadro 01.

Gráfico 09: Categorias de educação que aparecem nos 26 trabalhos analisados:

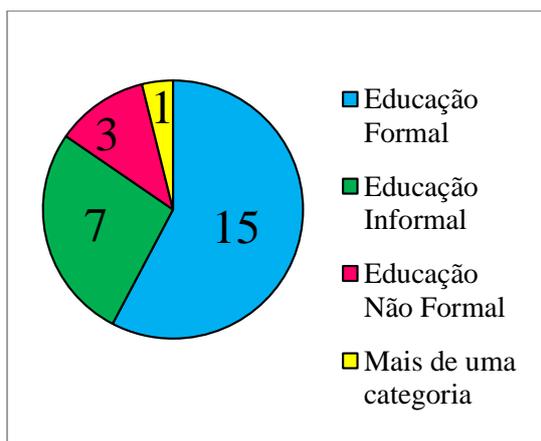
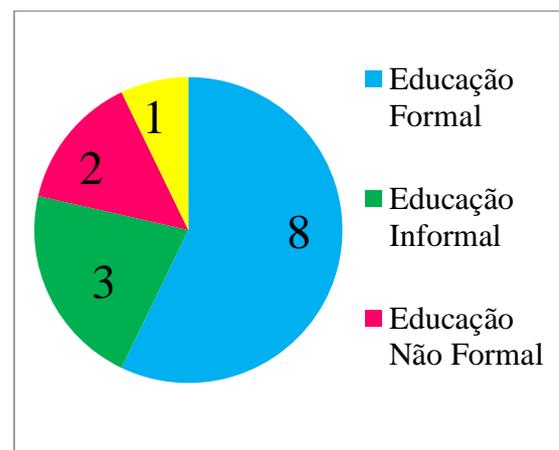


Gráfico 10: Categorias que aparecem nos 08 trabalhos que ouvem a pessoa presa:



Fonte: elaborado pela autora com base nas análises das teses e dissertações

Os gráficos mostram dados bem semelhantes, pois ambos evidenciam que as práticas educativas oriundas da educação formal dentro das prisões é o principal foco das pesquisas e assim possuem maior representatividade nas falas dos presos, tanto na análise geral quanto nas análises específicas. Isso se dá pelo fato de que é a educação formal, sobretudo, que está atrelada às políticas públicas relacionadas ao direito a educação dentro dos presídios.

Porém, é importante destacar que as práticas de educação não-formal se constituem como importantes ações dentro do contexto prisional. Em muitas unidades, a educação não formal constitui-se como as primeiras formas de atividade educativa, realizada por ações de ONGs e grupos religiosos, os quais fizeram (e ainda fazem) parte da luta pelos direitos da pessoa presa, inclusive o direito a educação. No entanto, através deste estudo, verifica-se a baixa incidência de trabalhos que pesquisem as práticas da educação não-formal no universo prisional, o que se revela assim como uma lacuna importante a ser preenchida afim de compreender, de maneira sistematizada, o papel dessa educação no espaço prisional.

Independente da categoria, a maior parte dos trabalhos analisados, ao buscarem ouvir a voz da pessoa presa, se interessam por suas visões sobre o significado da educação que lhes é oferecida dentro dos presídios, a influência dela em suas vidas e as relações com a situação de aprisionamento.

No quadro 04, é possível compreender com mais detalhamento o que os oito pesquisadores buscaram ouvir das pessoas privadas de liberdade, tendo por base o objetivo de suas pesquisas.

Quadro 04: Objetivo da pesquisa e o que se escuta do preso. Fonte: Elaboração própria.

Trabalho	Objetivo da pesquisa	O que escuta da pessoa presa.
01	Compreender o entendimento da prática educativa na prisão exigida pela Lei de Execução Penal e raramente divulgada através das opiniões dos alunos presidiários a respeito da Educação que lhes é oferecida na Prisão, ou seja, trata-se da tentativa de encontrar uma visão "de dentro para fora" da Educação na Prisão.	Os motivos que os levam ao interesse, a permanência e a desistência da prática educativa na prisão, além de opinarem também sobre a escola na prisão. Também escutam informações a respeito da série em que estão matriculados e os motivos da desistência escolar quando estavam em liberdade.
02	Compreender os significados atribuídos à educação, à escola e à prisão por homens em situação de privação de liberdade no Centro de Ressocialização de Rio Claro, SP.	Nome fictício; Idade; Cor; Profissão; Última série que estudou na rua; Estudou em outra unidade prisional? Série que estudou no 1º semestre de 2014 no CR; Data do aprisionamento; Data de inclusão no CR; Regime durante a coleta de dados; Um grande sonho; Autobiografia; Os significados da prisão; Concepções de educação; Significado da formação escolar; Razões da evasão escolar; Memórias escolares; O(a) professor(a) na perspectiva do aluno; A escola ideal.
03	Analisar experiências educativas, desenvolvidas por educadores presos no interior de escolas do sistema penitenciário de São Paulo.	São ouvidos: idade; escolaridade; religião; naturalidade; formação; os saberes para a prática da docência; as concepções e a prática docente; experiência com a docência; como fazem os planejamentos; como os concretizam; como avaliam suas aulas; como são os materiais didáticos; as dificuldades e desafios de ser educador na prisão; lembranças de antes da prisão sobre a vida e escola; compreensão sobre o que é cidadania e justiça.
04	Compreender os sentidos e significados da experiência escolar, bem como apresentar algumas práticas pedagógicas em conjunto com os memoriais, salientando as narrativas produzidas.	História de vida: filhos; gravidez; escola; família, infância e escola prisional.
05	Analisar quais são os sentidos das experiências escolares vividas por mulheres em privação de liberdade nos diferentes momentos de suas trajetórias de vidas	Idade; estado civil; profissão anterior a detenção; participação em atividade laboral no presídio; escolarização anterior da detenção e Escolarização (matrícula na Unidade Prisional); planos para a continuidade dos estudos para além da prisão; as trajetórias de vida e a família; as memórias das mulheres sobre a infância; relatos de violência doméstica; os conflitos em casa com os pais; a saída de casa ainda jovens/crianças; o que compreendem ser jovem; se tiveram juventude; projetos de vida quando não estavam na prisão; sua trajetórias de estudos; incentivo dos pais; as razões que

		conduziram às interrupções das trajetórias escolares; as memórias da época de escola; experiências escolares na prisão.
06	Um estudo sobre as representações sociais em relação à educação, constituída por jovens e adultos em situação de privação de liberdade buscando entender como essas populações representam esse objeto simbólico e se relacionam com ele para, assim, identificar elementos que facilitem ou obstaculizam o desenvolvimento das práticas educativas da EJA nas prisões.	Perguntas como: quando se fala em educação, o que vem na sua cabeça? O que é estudar dentro da prisão? Quais as dificuldades do estudo na prisão? Além de falarem sobre os desejos de adquirir conhecimentos; melhor utilização do tempo na prisão quando estão estudando; previsão de futuro fora da prisão; como é a relação professor/aluno dentro das salas de aula.
07	Descrever e analisar a Educação a partir das vivências de mulheres em privação de liberdade.	Os motivos do interesse pela educação dentro da prisão; relatos das histórias de vida; vivências educacionais que passou na prisão e suas perspectivas de futuro; o sentido da educação para elas; contato com a família dentro da prisão; assistência à saúde da mulher dentro da penitenciária; algumas falam sobre o crime cometido, e em quais circunstâncias ocorreram.
08	<p>Analisar as ações da política de ressocialização dos presos no Brasil, tendo como principal instrumento de análise a Lei de Execuções Penais-LEP promulgada em 1984.</p> <p><i>OBS: Este trabalho analisa todas as assistências que o preso tem direito na prisão, entretanto, uma das assistências apresentadas com vistas a (re)socialização é a educação. Consideramos apenas a assistência educacional em nossas análises.</i></p>	Quanto estão envolvidos em atividades educacionais; o que pensam sobre o compromisso dos professores e como se dá o acesso e permanência deles nas atividades educacionais.

A análise aprofundada dos oito trabalhos permite perceber que os objetivos traçados pelos pesquisadores estão predominantemente relacionados a ouvir o significado do processo educacional na vida destas pessoas, envolvendo aspectos relacionados ao acesso e a permanência da educação dentro dos presídios. Desta forma, procuram saber os sentidos atribuídos por eles à educação oferecida tanto quando tiveram acesso na sociedade livre quanto na condição de encarcerados. Podemos perceber também a ênfase dada às histórias de vida destes sujeitos, atreladas ao processo educacional ao qual tiveram acesso durante suas trajetórias. Assim, a partir do que é ouvido nas teses e dissertações, observamos que os questionamentos iniciais são relacionados ao perfil da pessoa presa e posteriormente ressaltam a educação no cárcere.

É possível identificar também que alguns trabalhos centram seus olhares sobre as representações das visões das mulheres sobre a educação, com isso, evidenciam-se todos os aspectos da vida da mulher encarcerada. Os objetivos dos textos que abordam a voz da mulher enfatizam, sobretudo, suas histórias de vida envolvendo aspectos relacionados a gravidez precoce, suas memórias da época de infância e relação com a família. Fazem destaque à violência que a maioria narra ter sofrido por parte de pessoas próximas aos laços familiares, destacando ser este um dos fatores que influenciaram a estarem hoje na condição em que estão socialmente.

Outros assuntos que podemos observar estão relacionados às suas perspectivas de futuro, como se dá o contato com a família dentro da prisão e à assistência que recebem dentro da prisão.

5.4 Como as vozes são apresentadas?

No intuito de compreender qual o espaço para as vozes das pessoas presas nos trabalhos acadêmicos e como ela são apresentadas, buscamos analisar nos oito trabalhos selecionados como os pesquisadores optaram por incluir essas vozes no texto. O quadro 05 apresenta a organização desses dados.

Quadro 05: Apresentação das vozes dos presos nas produções acadêmicas.

Trabalho	Como essas vozes são apresentadas nos textos?
01	Tem um capítulo específico para falar das interpretações de opiniões dos presos, além de serem apresentados trechos fieis das falas dos presos no corpo do texto em forma de citação ou mesmo destacadas do texto.
02	Apresenta trechos extraídos integralmente das transcrições das rodas de conversa no decorrer de todo o texto e alguns relatos completos escritos feitos pelos colaboradores. Ao final da dissertação aparecem as autobiografias dos colaboradores.
03	Em alguns momentos aparecem os relatos escritos integralmente no texto outras vezes aparecem recortes das falas dos presos. Estas vozes aparecem recuadas do corpo do texto e em alguns momentos no corpo do texto.
04	Possui uma parte do trabalho somente para apresentação dos relatos das presas, além os recortes que aparecem no decorrer da tese. As vozes aparecem retratadas de forma literal no decorrer do texto.
05	Aparecem trechos recortados das falas destacados do texto.
06	Aparecem destacadas no texto através de recortes de frases ditas pelos colaboradores da pesquisa. Ao final do trabalho são apresentadas as transcrições literais das entrevistas individuais que foram gravadas com as perguntas feitas pela pesquisadora e as respostas dadas pelas entrevistadas.
07	Aparecem trechos das entrevistas realizadas com as presas incorporadas ao trabalho.
08	Através de trechos e frases ditas pelos presos além dos depoimentos transcritos.

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que as vozes das pessoas em situação de encarceramento são, em sua grande maioria, apresentadas nas pesquisas de forma literal, ou seja, são transcritas de forma fiel ao que as pessoas presas relatam. Isso se dá pelo fato de os pesquisadores utilizarem equipamentos de gravação e também pelo fato de as entrevistas serem realizadas atreladas a outras formas de coletas de dados, como observações e diários de campo. Entretanto, as falas são sempre recortes selecionados pelo autor do texto, de modo que há sempre o seu viés se sobrepondo.

No corpo do texto percebemos as vozes sempre destacadas, e a maioria dos trabalhos destinam um capítulo específico para falar das interpretações e opiniões dos presos a respeito do que estão procurando representar.

Naqueles trabalhos que não possuem um capítulo destinado exclusivamente para as vozes dos presos, percebemos as mesmas distribuídas no decorrer de toda a parte dos resultados da pesquisa. Observa-se também a utilização de nomes fictícios em alguns casos, garantindo assim o anonimato dos entrevistados que as vezes optam por não revelarem suas identidades.

5.5 Qual a relação do pesquisador com a pessoa presa?

Através das análises em profundidade dos conteúdos das teses e dissertações sobre Educação nas prisões, conseguimos identificar várias maneiras com que os pesquisadores estabeleceram suas relações com os presos a fim de obter os resultados para suas pesquisas.

Desta forma, o quadro 06 apresenta como se deu este contato entre pesquisador e a pessoa presa nos oito trabalhos analisados.

Quadro 06 – Contato entre pesquisador e pessoa presa.

Trabalho	Como se deu o contato do pesquisador com a pessoa presa?
01	Foi bibliotecária da unidade penitenciária há alguns anos.
02	Já era professora da unidade.
03	Inicialmente através do estágio extracurricular do curso de pedagogia em seguida como pesquisadora no doutorado.
04	Era responsável pela seção de administração de duas unidades prisionais na época do mestrado e posteriormente resolveu estudar a temática no mestrado e doutorado.
05	Como pesquisadora na época do mestrado.
06	No momento das entrevistas;
07	Foi durante muito tempo assistente social do Sistema Penitenciário.
08	No momento das entrevistas e observações.

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que a grande maioria dos pesquisadores despertou o interesse pela educação em prisão como campo de pesquisa a partir das experiências de trabalho dentro da própria instituição, com isso têm professores; ex-bibliotecária; responsáveis pela parte administrativa da prisão; e assistente social do sistema penitenciário. Em outro o desejo surgiu através das experiências de estágios extracurriculares do curso de graduação em pedagogia. Uma menor parcela dos pesquisadores não possuía nenhum vínculo direto com o espaço e que só o conheceram na prática no momento das aplicações dos questionários e realização das observações e entrevistas. Dentre esses, um deles destaca que o interesse por esse tema de pesquisa surgiu a partir da divulgação dos índices da população carcerária feminina.

A relação que o pesquisador possui com a instituição que será campo de pesquisa contribui na maioria das vezes para se estabelecer laços de confiança entre todos os agentes que compõem o grupo de colaboradores. Percebemos, a partir disso, que nos oito trabalhos analisados em profundidade aqueles em que o pesquisador tinha há algum tempo um vínculo

com a prisão os dados das pesquisas apareciam de forma mais completa, ou seja, as informações revelam mais propriedade sobre o contexto pesquisado. Enquanto aqueles que o pesquisador se apresenta somente como um sujeito que pretende obter informações seus dados aparecem de forma mais restrita, haja vista que o mesmo não consegue somente através dos instrumentos de coletas de dados obter resultados mais profundos, principalmente em relação aos aspectos subjetivos da prisão, que são percebidos quando o pesquisador conhece a mais tempo o espaço.

Ressaltamos, portanto, a importância da imersão no contexto prisional para o desenvolvimento de pesquisas junto à população carcerária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro.

(Fernando Sabino)

Durante a realização desta pesquisa, muitos caminhos foram trilhados. Em alguns momentos precisamos fazer algumas pausas para melhor pensar, analisar e planejar os próximos passos do estudo do estado da arte, principalmente em relação os dados quantitativos, pois consideramos que o ato de pesquisar é, na maioria das vezes, se lançar ao desconhecido e, desta forma, conhecer novos espaços, conhecimentos e métodos.

Toda esta caminhada, envolvendo desde o levantamento dos dados no site da CAPES até as análises aprofundadas das teses e dissertações, durou aproximadamente nove meses. O desafio da escrita científica me revelou que apesar de árduo, o constante exercício de reflexão e descobertas, pode também ser prazeroso. Durante esse período foi possível viver vários momentos de aprendizagens, desafios, descobertas e infinitas reflexões, tanto referentes ao objeto pesquisado quando ao processo de se realizar uma pesquisa científica.

Retomando agora ao objetivo principal desta pesquisa, qual seja, analisar como as falas das pessoas em situação de privação de liberdade estão sendo apresentadas nos trabalhos acadêmicos produzidos sobre a temática “Educação em espaços de privação de liberdade”, é possível dizer que o estudo feito do estado da arte possibilitou descobertas importantes em relação a este método. Podemos dizer que este método possibilita, sobretudo, identificar o excesso ou a escassez de estudos e dados referentes a um determinado assunto que se queira pesquisar. Entretanto, percebemos ao longo da realização desta pesquisa algumas falhas e desafios a serem enfrentados em relação aos bancos de dados utilizados para os levantamentos fundamentais para se estudar o estado da arte.

O levantamento feito nesta pesquisa através do banco de teses e dissertações que foi consultado nos permitiu perceber, dentre outras coisas, o fato de este recurso apresentar informações limitadas. Isso se dá por diversos fatores, dentre eles, o fato de a plataforma que disponibilizou os textos para download ter sido criada muito tempo depois das publicações das produções. Isso faz com que as análises em profundidade dos trabalhos nem sempre sejam viáveis, uma vez que nem todos os trabalhos podem ser localizados na íntegra.

Diante dessa situação, faz-se necessário procurar outros meios para complementar os dados, não se limitando somente a um banco de informações. Neste estudo em específico,

optou-se por fazer apenas um recorte temporal através de uma única fonte de dados, que foi no banco de teses e dissertações da CAPES. Entretanto, para uma análise mais fiel da realidade seria importante proceder a o levantamento dos dados a partir de diferentes repositórios de teses e dissertações.

Este estudo do estado da arte sobre Educação em prisões possibilitou perceber um dado alarmante sobre a temática na região Norte do país, mais especificamente no Tocantins, que é o estado em que esta pesquisa foi realizada. Segundo o banco de dados pesquisado, não há nenhum registro de tese ou dissertação sobre a temática em debate neste trabalho na região norte. Porém, devemos considerar que mesmo a região não tendo nenhuma representatividade numérica em relação às demais regiões brasileiras constatamos através de algumas outras pesquisas que existem disponíveis em outros bancos de dados registros de produções acadêmicas oriundas da referida região. A situação do Tocantins, entretanto, tanto em nosso levantamento de dado, quando em de outras pesquisas que tivemos acesso relevam a inexistência de trabalhos.

É importante ressaltar que o fato de não haver publicações na região não significa, em absoluto, que não haja ações educativas nas unidades prisionais dessa região, nem que não existem estudos sobre as práticas educativas nas prisões dos estados que compreendem esta região. O que não existe, ainda, são programas de educação nas universidades dessa região produzindo trabalhos sobre essa temática. Tal situação é bastante compreensível se considerarmos o fato das universidades das regiões Norte serem, em geral, mais recentes do que as do Sul ou Sudeste.

Existem, portanto, uma lacuna que precisa ser preenchida, sobretudo na região norte do país. Para isso, é necessário fomentar a organização das análises sobre as práticas que ocorrem nessa região, a fim de que elas também contribuam no processo de formulação de políticas públicas nacionais. Este é um fato que em muito me desperta o interesse em querer contribuir para a produção de conhecimento nessa temática nesta região e desta forma evidenciar que nos estados que compõem a região Norte também existem práticas e pessoas que pesquisam sobre este universo tão negligenciado socialmente.

As produções acadêmicas que tratam da educação nos espaços de privação de liberdade, não trazem, em sua maioria, a voz da pessoa presa. Das que trazem, a maioria busca complementar as análises com outras vozes além da pessoa presa. Isso confirma que muito ainda tem que ser feito para que estas pessoas presas sejam ouvidas e consideradas neste processo de construção de conhecimento sobre a educação a elas direcionada.

O desenvolvimento deste trabalho concentrou-se em analisar de que forma como estão sendo apresentadas as vozes dos sujeitos da educação em prisões no universo acadêmico por meio das produções de teses e dissertações nos programas de educação, para tanto, analisamos principalmente as metodologias utilizadas pelos pesquisadores na hora das coletas de tais vozes e a forma como elas aparecem nas produções sobre a referida temática.

Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica e para as análises, a junção das abordagens quantitativa e a qualitativa que nos permitiu articular as análises de forma que se possa melhor compreender a representação das vozes dos sujeitos privados de liberdade expressas nas teses e dissertações analisadas.

Sobre a abordagem quantitativa, identificamos os desafios de se trabalhar com números que é uma característica fundamental desta abordagem. O grande desafio que aparece é fazer com que os dados numéricos sejam apresentados no texto de forma que o leitor consiga fazer suas leituras de forma clara e objetiva. O processo de tabulação e construção de gráficos e tabelas como forma de sistematizar os números para melhor visualização requer um esforço e concentração contínuos, pois os números precisam aparecer de forma exata.

A utilização da abordagem qualitativa, utilizada para analisar em específico o conteúdo das teses e dissertações se apresentou significativa neste estudo, sobretudo por possibilitar analisar em profundidade estas produções que traziam a voz da pessoa presa.

Tendo em vista os aspectos observados na presente pesquisa, podemos dizer que ouvir a pessoa presa é uma tarefa bastante desafiadora, pois, considerando principalmente a constituição do ambiente prisional que é marcado fortemente pelo fechamento e isolamento, todas as tentativas de se realizar atividades educacionais e até mesmo pesquisas acadêmicas neste universo se tornam desafiadoras. Desta forma, quando o pesquisador já possui um vínculo com as unidades prisionais este processo se desenvolve de forma mais satisfatória para a coleta de seus dados, tendo em vista sua aproximação com o ambiente e com os sujeitos desta educação.

A pesquisa revelou a presença marcante nas representações feitas pelas pessoas presas das memórias sobre suas trajetórias de vida envolvendo infância, constituição de família, experiências escolares antes e dentro da prisão. Destaca-se assim os significados dos processos formativos em suas vidas e como eles interferem nos projetos de vida futuros. Levando em consideração esses aspectos e os principais temas cujas vozes são ouvidas, fica evidente o quanto o processo de escolarização foi deficitário na vida da maioria das pessoas que vivem o encarceramento. É importante ressaltar que muitas dessas pessoas até iniciaram as atividades

escolares, porém por causa da necessidade do trabalho não puderam continuar seus estudos. Daí a necessidade de persistir na luta pela garantia do direito à educação dessa população.

Feitas essas considerações, acreditamos que a pesquisa tenha se lançado num campo que aos poucos vêm ganhando espaço e sendo notado a partir dos diferentes aspectos que envolvem a educação desenvolvida nas prisões.

Esta temática merece novos olhares, no sentido de contribuir tanto para o avanço das questões aqui postas, quanto para se refletir sobre este direito humano e a forma como ele vem sendo concretizado neste universo tão negligenciado. Olhares que se voltem tanto no sentido de reafirmar o que já se tem produzido no meio acadêmico e social, quanto para vislumbrar novas expectativas frente às problemáticas emergidas do presente campo de estudo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. **São Paulo: Edições 70, 2016.**

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Diário Oficial.

_____. **Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal.**1984. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L7210.htm>>. Acesso em: 10 Out. 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**, Coleção Ciências da Educação, Porto: Porto Editora, 1994.

BRÜGGEMANN, Odália M.; PARPINELLI, Mary A. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. Revista Escola Enfermagem USP, n. 42, p. 563– 568, Mar. 2008.

CAMPOS, Aline. **Educação, escola e prisão: o “espaço de voz” de educandos do Centro de Ressocialização de Rio Claro/SP.** 2015. 275 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2015.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. SILVA, Francisca Jocineide da Costa e.. **O estado da arte das pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução.** In: 18º REDOR: Perspectivas feministas de Gênero: Desafios no campo da militância de das práticas. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 349.

CERNEKA, Rheidi Ann. **Homens que menstruam: Considerações acerca do sistema Prisional às especificidades da Mulher.** Veredas do direito, belo horizonte, v. 6 ,n. 11,p. 61-78, janeiro - junho de 2009.

COSTA, Francine Gomes da Silva da. **Abordagens das pesquisas sobre as práticas pedagógicas da educação de jovens e adultos em espaços de privação e restrição de liberdade.** 2016. 64f. Monografia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2016.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre Trabalho de Campo.** Cadernos de Pesquisa, n. 115, p.139 – 154, março/ 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: fev. 2018.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no. 79, agosto, 2002.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo>. >. Acesso em: 01 Outubro de 2017.

_____. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. Cortez. São Paulo, 1999.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias** - Junho de 2014. Disponível em < http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

JULIÃO, E. F. A educação escolar na prisão sob a ótica de detentos. In: ONOFRE, E. M. C. (Org.). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007a. P. 29 -50.

LOPES, R. **Prisioneiras de uma mesma história**: O amor materno atrás das grades. Tese de Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo, São Paulo, 2004.

NOMA, Amélia Kimiko; BOIAGO, Daiane Letícia. **Políticas Públicas para a Educação em Contexto de Privação de Liberdade**. 2010. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_01/010.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2017.

ONOFRE, Elenice M. C. Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado? In: ONOFRE, Elenice M. C. (Org.). *Educação escolar entre as grades*. São Carlos: Edufscar, 2007. p.11-28.

PEREIRA, Antonio. A educação-pedagogia no cárcere, no contexto da pedagogia social: definições conceituais e epistemológicas. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v.10, p.38-55, jan./dez. 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. In *Diálogo Educacional*. Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, set./dez., 2006.

SANTOS, S. A educação escolar na prisão sob a ótica de detentos. In: ONOFRE, E. M. C. (Org.). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007a. P. 93 -110.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007b.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23 – 71.

SACRISTÁM, José Gimeno. **A educação ainda é possível**: ensaios sobre a cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Pedagogia e Educação Não-Escolar no Brasil**: crítica epistemológica, formativa e profissional. 2015, 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, Mazukyevicz Ramon Santos do Nascimento. Segurança Pública e Direitos Humanos: que pode a educação no contexto prisional? *Revista USCS- Direito*, ano XI. N°. 19, Jul/dez. 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a filosofia e seu método**. São Paulo: Hedra, 2010.

ANEXOS

ANEXO 01 – Tabulação dos 83 trabalhos encontrados relacionados a educação nas prisões.

Tabulação dos dados referentes aos 83 trabalhos.

Nº	Título	Autor(A)	Ano	Tese/ Dissertação	Instituição	Estado	Traz A Voz Dos Presos?
1	Educação na prisão	Manoel Bezerra da Silva	01/09/2011	Dissertação	PUC Goiás	GO	Não foi encontrado!
2	Escola e prisão: paralelo político- institucional no rio grande do sul (2007- 2009)'	Henrique José da Rocha	01/08/2010	Dissertação	Fundação Universidade De Passo Fundo	RS	Não.
3	A escola nas prisões paulistas: a fala do monitor preso'	José Adão Neres de Jesus.	01/12/2010	Dissertação	Universidade De Sorocaba	SP	Não foi encontrado!
4	Escolas de todas as perdições e degenerescências: casa de detenção da corte e penitenciária nacional de buenos aires como espaços educativos (1856-1889)'	Jailton Alves de Oliveira	31/07/2013	Dissertação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	RJ	Não.
5	Um dos caminhos da educação na penitenciária de marília/sp.	Luiz Antonio Amorim	01/09/2001	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho - UNESP	SP	Sim.
6	Desconstruindo a identidade de "criminoso(a)": o significado das ações educativas no sistema penitenciário'	Cláudia Regina Vaz Torres	01/11/2004	Dissertação	Universidade Federal Da Bahia	BA	Não foi encontrado!
7	"Palavras da salvação" - as representações da leitura na prisão'	Valquíria Michela John	01/04/2004	Dissertação	Universidade Federal De Santa Catarina	SC	Sim.

8	Por trás dos muros: educação, juvenilização e racialização nas prisões de Pernambuco	Euclides Ferreira da Costa	01/08/2011	Dissertação	Universidade Federal De Pernambuco	PE	Não foi encontrado!
9	A instituição carcerária: um olhar sobre a pedagogia da prisão	Antonio Rodrigues de Sousa	01/02/2000	Dissertação	Universidade Federal Do Ceará	CE	Não foi encontrado!
10	Mulheres, crimes e prisão o significado da acao pedagogica em uma ins-tituicao carceraria feminina'	Miriam Ida Rodrigues Breitmann	01/12/1989	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Não foi encontrado!
11	A construção discursiva dos fins educativos da prisão'	Selmo Haroldo de Rezende	01/12/1996	Dissertação	Universidade Federal De Uberlândia	MG	Não foi encontrado!
12	A escola da prisão " qual educação"	Nilva Ferreira Ribeiro	01/11/2004	Dissertação	Universidade Federal De Goiás	GO	Não.
13	Cartografias de um currículo encarcerado	Catia Alvisi	20/02/2015	Tese	Universidade Estadual De Campinas	SP	Sim.
14	Tecendo fios nos espaços e tempos da escola na prisão	Priscila Ribeiro Gomes	06/09/2013	Tese	Universidade Estadual De Campinas,	SP	Sim.
15	Educação e prisão: o valor da escola para os jovens e adultos presos no centro de ressocialização de cuiabá/mt	Leiva Custodio Pereira	01/03/2012	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Não foi encontrado!
16	Educação entre as grades - o espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos apenados'	Nycia Nadine Negrão Nassif	01/09/2006	Dissertação	Universidade Luterana Do Brasil	RS	Sim.
17	O processo de normalização do comportamento social em curitiba: educação e trabalho na penitenciária do ahú, primeira metade do século xx'	Maria Helena Pupo Silveira	01/03/2009	Tese	Universidade Federal Do Paraná	PN	Mão.
18	A educação como direito humano: a escola na prisão	Mariangela Graciano	01/10/2005	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Sim.

19	Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação'	Ana Maria Hoepers Préve	01/09/2010	Tese	Universidade Estadual De Campinas	SP	Não foi encontrado!
20	Educação, escola e prisão: o "espaço de voz" de educandos do centro de ressocialização de rio claro/SP	Aline Campos	25/02/2015	Dissertação	Universidade Federal De São Carlos	SP	Sim.
21	Reincidentes da penitenciária de benguela: prisão e história em angola	Antonio Kadrenguengu e Jololo da Silva	16/09/2014	Dissertação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	RJ	Sim.
22	Metamorfose da prisao - desestruturacao e reestruturacao da imagem pessoal.	Liege Maria Stja Fornari	01/08/1995	Dissertação	Universidade Federal Da Bahia	BA	Não foi encontrado!
23	A eficácia sócio-pedagógica da pena de privação da liberdade.	Roberto da Silva	01/08/2001	Tese	Universidade De São Paulo	SP	Não foi encontrado!
24	Escola e ideologia em gramsci. Um estudo sobre os escritos da prisao.	Kilder Barbosa Silva	01/12/1995	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte	RN	Não foi encontrado!
25	Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com mulheres aprisionadas	Valter Antonio Lourencao	29/08/2013	Dissertação	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Rio Claro	SP	Sim.
26	O exercício da docência entre as grades: reflexões sobre a prática de educadores do sistema prisional do estado de são paulo	Camila Cardoso Menotti	28/02/2013	Dissertação	Universidade Federal De São Carlos,	SP	Não foi encontrado!
27	A arte de viver em cubículos: um diagrama auto/otobiográfico com nietzsche e prisioneiros sobre a prisão	Priscila de Oliveira Xavier Scudder	08/03/2013	Tese	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Sim.
28	Nas trilhas do fazer e do saber a possibilidade de ser - os caminhos do trabalho e da educação na prisão	Luciana Maria de Almeida	01/08/2009	Dissertação	Universidade Federal De Goiás	GO	Sim.

29	... “É o seguinte, na prisão a gente aprende coisa boa e coisa ruim!”: interfaces das aprendizagens biográficas (re)construídas na prisão e os desafios e dilemas pós-prisionais enfrentados por egressas e reincidentes do sistema penitenciário paraibano	Helen Halinne Rodrigues de Lucena	25/04/2014	Tese	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	PB	Sim.
30	A trajetória da institucionalização de uma geração de ex-menores: o processo de constituição da identidade delinquente em crianças órfãs e abandonadas	Roberto da Silva	01/11/1996	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Não foi encontrado!
31	Aspectos do envelhecimento em indivíduos encarcerados e as oportunidades educacionais no sistema penitenciário	Janaina G Sanches	01/12/2001	Dissertação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	RJ	Não foi encontrado!
32	Educar em prisões: um estudo na perspectiva das representações sociais	Karol Oliveira de Amorim	26/02/2016	Dissertação	Universidade Federal De Minas Gerais	MG	Não.
33	Mulheres delinquentes: uma longa caminhada até a casa da rosa	Elza Eliana Lisboa Montano	01/11/2000	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Sim.
34	Dispositivos avaliativos des/constituindo subjetividades de alunos e alunas do ensino fundamental	Vera Lúcia Cezar de Castro	01/06/1998	Dissertação	Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	RS	Não foi encontrado!
35	Juventude em discurso: histórias de vida de jovens aprisionados, no município de cáceres/MT	Ailon do Vale Simao	24/03/2014	Tese	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Sim.
36	Processos educacionais no cárcere: um estudo sobre as representações sociais de jovens e adultos nas prisões	Francisca Daise Galvao Freire de Franca	26/07/2016	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte	RN	Sim.
37	As implicações do aprisionamento dos pais no direito à educação e à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes em regime de abrigo na cidade de são Paulo	Maria José Abrão	01/08/2010	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Sim.

38	O sentido da educação para mulheres em privação de liberdade: vivências e perspectivas'	Jane Maria Da Silva Nobrega Medeiros	18/03/2016	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Sim.
39	Práticas de leitura, escrita e letramento na penitenciária feminina em cuiabá-MT a visão da professora e suas alunas	Luciana Ferreira Da Silva Moraes	23/04/2013	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso,	MT	Sim.
40	Foucault como ferramenta na produção científica em educação: um olhar a partir das teses de doutorado	Daniel Derrel Santee	15/04/2016	Tese	Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul	MS	Não.
41	A oferta de educação para adultos em situação de privação de liberdade na penitenciária doutor Manoel Martins Lisboa júnior no município de muriaé em minas gerais	Marcio Jose Ladeira Mol	09/07/2013	Dissertação	Universidade Federal De Viçosa	MG	Não.
42	Etnomatemática e currículo escolar: problematizando uma experiência pedagógica com alunos de 5ª série	Carmen Becker Leites	01/11/2005	Dissertação	Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	RS	Não tem relação com o tema.
43	Por trás do adolescente infrator: desconstruindo verdades acerca da reincidência	Marcos Macedo	26/03/2013	Dissertação	Universidade Federal Fluminense,	RJ	Sim.
44	Vigiai e orai”: o livro tombo da catedral de lages (1898 -1938) e a educação	Carlos Fermino de Paulo	14/03/2015	Dissertação	Universidade Do Planalto Catarinense	SC	Não tem relação com o tema.
45	Educação de adultos presos: possibilidades e contradições da inserção da educação escolar nos programas de reabilitação do sistema penal do estado de são Paulo	Manoel Rodrigues Português	01/05/2001	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Não.
46	Adolescentes na comarca de cárceres: discursos e criminalidades	Ailon do Vale Simão	01/12/2001	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Não foi encontrado!

47	A formação de professores para a educação do adlescente em conflito de lei	Silvana Machado Cella	01/06/2007	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica De Campinas	SP	Não.
48	Foucault e a escola: disciplinar, examinar, fabricar	Thelma Maria de Moura Moreno	01/08/2010	Dissertação	Universidade Federal De Goiás	GO	Não.
49	Educação em prisões: um estudo sobre o percurso histórico e o papel do pedagogo no complexo penitenciário de guarapuava – paraná Curitiba	Maxcimira Carlota Zolinger Mendes	13/06/2016	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica Do Paraná	PN	Não.
50	O sentido da educação para adolescentes com conflito com a lei	Josiane Tomaz da Silva	01/03/2012	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Sim.
51	Hegemonia e educação: proposta gramsciana de superação da subalternidade	Deise Rosalio Silva	01/06/2016	Tese	Universidade De São Paulo	SP	Não.
52	O dispositivo da verdade: uma análise a partir do pensamento de michel foucault	Pablo Severiano Benevides	30/09/2013	Tese	Universidade Federal Do Ceará	CE	Não.
53	Escritas encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da penitenciária talavera bruce	Daiane de Oliveira Tavares	01/08/2011	Dissertação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	RJ	Sim.
54	Educação e trabalho no sistema prisional: por quê e para que educar os maus?	Maria Helena Pupo Silveira	01/08/2003	Dissertação	Universidade Federal Do Paraná	PN	Não foi encontrado!
55	A educação como estratégia de interrupção de reincidência criminal: um projeto realizado	Alexandre de Andrade Mascarenhas	01/08/2010	Dissertação	Universidade Católica De Brasília	DF	Não foi encontrado!
56	Organização do trabalho pedagógico na educação prisional	Lucia Regina Salvalaggio	08/04/2016	Dissertação	Universidade Tuiuti Do Paraná	PN	Não.
57	Educação de jovens e adultos no centro de ressocialização em cuiabá-mt: práticas de leitura escrita e letramento	Rowayne Soares Ramos	01/12/2012	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Não foi encontrado!

58	A prática docente da eja: o caso da penitenciária juiz plácido de souza em caruaru	Maria Da Conceição Valença da Silva	01/11/2004	Dissertação	Universidade Federal De Pernambuco	PE	Não.
59	Entre a cela e a sala de aula: um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista	Odair Franca de Carvalho	28/08/2014	Tese	Universidade Federal De Uberlândia	MG	Sim.
60	A política de ressocialização no brasil: instrumento de reintegração ou de exclusão social?	Glaydson Alves da Silva Santiago	01/06/2011	Dissertação	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	PB	Sim.
61	A trajetória da educação infantil no mst: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar	Neiva Marisa Bihain	01/11/2001	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Não tem relação com o tema.
62	Correspondências do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros	Rosana De Mont'alverne Neto	01/11/2009	Dissertação	Universidade Federal De Minas Gerais	MG	Sim.
63	Políticas de formação do trabalhador preso - a funap	Marilsa Fátima Fávoro	01/02/2008	Dissertação	Universidade Estadual De Campinas	SP	Sim.
64	Corporeidade e educação: um olhar a partir da epistemologia social	Cristina Danna Steuck	01/02/2008	Dissertação	Universidade Regional De Blumenau	SC	Não foi encontrado!
65	Por um céu inteiro: crianças, educação e sistema prisional	Claudia Regina De Oliveira Vaz Torres	01/08/2010	Tese	Universidade Federal Da Bahia	BA	Sim.
66	Ditadura, agricultura e educação: a esalq/usp e a modernização conservadora do campo brasileiro (1964 a 1985)	Rodrigo Sarruge Molina	14/10/2016	Tese	Universidade Estadual De Campinas	SP	Não tem relação com o tema.
67	Educação, ambiente e os reeducandos da colônia penal agrícola das palmeiras, município de santo antônio de leverger, um estudo de caso	Wilma Regina de Amorim	01/02/2002	Dissertação	Universidade Federal De Mato Grosso	MT	Não foi encontrado!

68	O estágio probatório e a formação continuada do professor em início de carreira	Maria Creusa de Araujo Borges	01/08/2002	Dissertação	Universidade Federal De Pernambuco	PE	Não tem relação com o tema.
69	Educação no cárcere - possibilidades e limites para a inclusão/libertação social do apenado: refletindo com o presídio regional de pelota	Nilda Margarete Stanieski Pellizzer	01/12/2005	Dissertação	Universidade Federal De Pelotas	RS	Sim.
70	Velhos lutadores sociais do uruguai : histórias de resiliência	Julia Gallego Gomez	29/07/2014	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Sim.
71	Uma península, dois homens, duas épocas e algumas ideias em comum: um cotejo a partir da perspectiva social de João Bosco e Antonio Gramsci	Elcio Arestides De Mattos da Silva	06/03/2014	Dissertação	Centro Universitário Salesiano De São Paulo	SP	Não tem relação com o tema.
72	A política de educação de jovens e adultos em regimes de privação da liberdade no estado de São Paulo	Fabio Aparecido Moreira	01/02/2008	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Não.
73	Trabalho docente: de portas abertas para o cotidiano de uma escola prisional	Elizabeth de Lima Gil Vieira	01/05/2008	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	RJ	Não.
74	Uma ala para travestis, gays e seus maridos : pedagogias institucionais da sobrevivência no presídio central de Porto Alegre	Amilton Gustavo da Silva Passos	31/07/2014	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul,	RS	Sim.
75	Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	Pollyana dos Santos	02/06/2014	Tese	Universidade Federal De Santa Catarina	SC	Sim.
76	Inspetores e professores em tempo de nacionalização: reflexos do discurso autoritário nas escolas catarinenses - 1930-1940	Vera Regina Bacha Pereira	01/09/2004	Dissertação	Universidade Federal De Santa Catarina	SC	Não tem relação com o tema.
77	O jovem, o ensino médio e as expectativas com relação ao mercado de trabalho: um estudo de caso	Sonia Maria Pires	01/06/2005	Dissertação	Universidade Metodista De São Paulo	SP	Sim.

78	Educação carcerária: (des)encantos, (des)crenças e os(des)velamentos das histórias de leitura no cárcere, entre ditos, silêncios e subentendidos.	Ana Lúcia Gomes da Silva	01/12/2007	Tese	Universidade Federal Da Bahia	BA	Sim.
79	Para além do cárcere: o significado reeducativo da pena privativa de liberdade em uma instituição penal para mulheres em são luís	Sheila Cristina Rocha Coelho	01/12/2010	Dissertação	Universidade Federal Do Maranhão	MA	Sim.
80	Reinhard maack: a trajetória intelectual de um alemão na academia paranaense	Amarílio Iop de Mello	01/10/2002	Dissertação	Universidade Federal Do Paraná	PN	Não tem relação com o tema.
81	Garotas indisciplinadas numa escola de ensino médio: um estudo sob o enfoque de gênero'	Lilian Piorkowsky dos Santos	01/04/2007	Dissertação	Universidade De São Paulo	SP	Não tem relação com o tema.
82	A formação dos trabalhadores da saúde do sistema penitenciário – cartografia dos saberes e práticas	Rita de Cassia Moura Diniz	01/10/2011	Tese	Universidade Federal Do Ceará	CE	Não.
83	As relações sociais e as funções das mulheres idosas da vila Fátima na constelação familiar atual	Patricia Lichtenfels	01/08/2007	Dissertação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	RS	Não tem relação com o tema.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

ANEXO 02 – Metodologia utilizada pelos pesquisadores para coletar as vozes dos presos.

	Título	Como É Coletada A Voz Do Preso?	Traz Outras Vozes Além Da Pessoa Presa?
01	A Educação como Direito Humano - A escola na prisão	Entrevistas e observação.	Professoras
02	Um dos caminhos da Educação na penitenciária de Marília/SP	Relatos escritos/Memorial; Entrevistas; Questionários e Observação	Não
03	Educação, Escola E Prisão: o “Espaço de Voz” de educandos do Centro De Ressocialização De Rio Claro/SP.	Roda de conversa e Observação	Não
04	Nas trilhas do fazer e do saber a responsabilidade de ser: os caminhos do trabalho e da Educação na prisão	Questionário; Entrevista e Observação	Gestores Professores Agentes Prisionais
05	...”É o seguinte, na prisão a gente aprende coisa boa e coisa ruim!”: Interfaces das aprendizagens biográficas (re)construídas na prisão e os desafios e dilemas pós-prisionais enfrentados por egressas e reincidentes do sistema presidiário paraibano.	Relatos escritos/Memorial	Não
06	Educação carcerária: (Des)Encantos, (Des)Crenças e os (Des)Velamentos de leitura no cárcere, entre ditos, silêncios e subentendidos	Etnografia Entrevista História Oral/Relato oral Relato escrito/Memorial Observação	Familiares
07	Educação no cárcere – possibilidades e limites para a inclusão/libertação social do apenado: Refletindo com o Presídio Regional De Pelotas	Entrevistas e questionários	Não
08	Entre a cela e sala de aula: Um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista	História oral/Relato oral Entrevistas	Não
09	Escritas encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce	Análise de Cartas	Gestor; Agentes Prisionais
10	Tecendo fios nos espaços e tempos da escola na Prisão	Relatos escritos/Memorial	Não
11	Mulheres delinquentes: uma longa caminhada até a Casa Rosa	Entrevistas Depoimentos	Madre
12	Educação entre as grades o espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos	Observações e entrevistas.	Agentes Prisionais Professores

	Apenados		
13	Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	Observações; Questionários e entrevistas.	Não
14	“Palavras da salvação” As representações da leitura na prisão	Entrevistas	Não
15	Para além do cárcere: o significado reeducativo da pena privativa de liberdade em uma instituição penal para mulheres em São Luís	Entrevistas	Agentes Prisionais Supervisora.
16	Reincidentes da Penitenciária de Benguela: prisão e história em Angola	Observação; Entrevistas e Questionários.	Gestor; Advogado; Agentes Prisionais; Familiares.
17	Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com mulheres aprisionadas	História oral/Relato oral; Relatos escritos/Memorial e Questionários.	Não
18	Uma ala pata travestis, gays e seus maridos: pedagogias institucionais da sobrevivência no presídio central de Porto Alegre	Entrevistas.	Administrador da Ala.
19	Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência	Entrevistas.	Não
20	Processos educacionais no cárcere: um estudo sobre as representações sociais de jovens e adultos na prisão	Entrevistas.	Não
21	O sentido da educação para mulheres em privação de liberdade: vivências e perspectivas'	Entrevistas e Observações.	Não
22	Práticas de leitura, escrita e letramento na Penitenciária Feminina em Cuiabá-MT a visão da professora e suas alunas.	Observações e entrevistas.	Professora
23	Cartografias de um currículo encarcerado	Entrevistas.	Agente Prisional
24	A arte de viver em cubículos: um diagrama auto/otobiográfico com Nietzsche e prisioneiros sobre a prisão.	História Oral/Relato oral.	Não
25	A política de ressocialização no Brasil: instrumento de reintegração ou de exclusão social?	Observação e entrevistas.	Não
26	Correspondências do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros	Análise de Cartas	Frei.

Fonte: Elaboração própria com base nas análises feitas das teses e dissertações.

ANEXO 03 – Temas e categorias de educação abordadas nas teses e dissertações sobre educação nas prisões.

	Título	Categoria De Educação	Tema	Sexo
01	A Educação como Direito Humano - A escola na prisão	Educação Formal	Educação como direito humano	Mulher
02	Um dos caminhos da Educação na penitenciária de Marília/SP	Educação Formal	Educação Escolar	Homem
03	Educação, Escola E Prisão: o “Espaço de Voz” de educandos do Centro De Ressocialização De Rio Claro/SP.	Educação Formal	Educação Escolar	Homem
04	Nas trilhas do fazer e do saber a responsabilidade de ser: os caminhos do trabalho e da Educação na prisão	Educação Formal	Educação e Trabalho	Homem
05	...”É o seguinte, na prisão a gente aprende coisa boa e coisa ruim!”: Interfaces das aprendizagens biográficas (re)construídas na prisão e os desafios e dilemas pós-prisionais enfrentados por egressas e reincidentes do sistema presidiário paraibano.	Educação formal; informal e não formal.	Experiência prisional	Mulher
06	Educação carcerária: (Des)Encantos, (Des)Crenças e os (Des)Velamentos de leitura no cárcere, entre ditos, silêncios e subentendidos	Educação informal	Experiência prisional	Homem e Mulher
07	Educação no cárcere – possibilidades e limites para a inclusão/libertação social do apenado: Refletindo com o Presídio Regional De Pelotas	Educação não formal	Inclusão/libertação	Homem e Mulher
08	Entre a cela e sala de aula: Um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista	Educação Formal	Educação escolar	Homem e Mulher
09	Escritas encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce	Educação informal	Experiência prisional	Mulher
10	Tecendo fios nos espaços e tempos da escola na Prisão	Educação Formal	Educação escolar	Mulher
11	Mulheres delinquentes: uma longa caminhada até a Casa Rosa	Educação Formal	Educação escolar	Mulher
12	Educação entre as grades o espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos Apenados	Educação Formal	Disciplinamento	Homem
13	Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	Educação Formal	Educação escolar	Mulher

14	“Palavras da salvação” As representações da leitura na prisão	Educação Informal	Leitura	Homem
15	Para além do cárcere: o significado reeducativo da pena privativa de liberdade em uma instituição penal para mulheres em São Luís	Educação Informal	Mulher apenada	Mulher
16	Reincidentes da Penitenciária de Benguela: prisão e história em Angola	Educação Formal	Educação e trabalho	Homem e Mulher
17	Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com Mulheres aprisionadas	Educação Não formal	Leitura	Mulher.
18	Uma ala para travestis, gays e seus maridos: pedagogias institucionais da sobrevivência no presídio central de Porto Alegre	Educação Não formal	Homossexualidade	Homossexuais
19	Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência	Educação Informal	Histórias de vida	Homem
20	Processos educacionais no cárcere: um estudo sobre as representações sociais de jovens e adultos na prisão	Educação Formal	Educação escolar	Homem
21	O sentido da educação para mulheres em privação de liberdade: vivências e perspectivas	Educação Formal	Educação escolar	Mulher
22	Práticas de leitura, escrita e letramento na Penitenciária Feminina em Cuiabá-MT a visão da professora e suas alunas.	Educação Formal	Leitura	Mulher
23	Cartografias de um currículo encarcerado	Educação Formal	Currículo	Homem
24	A arte de viver em cubículos: um diagrama auto/otobiográfico com Nietzsche e prisioneiros sobre a prisão.	Educação informal	Histórias de vida.	Homem
25	A política de ressocialização no Brasil: Instrumento de Reintegração ou de Exclusão Social?	Educação formal	Educação como direito humano	Homem
26	Correspondências do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros	Educação Informal	Cartas no cárcere	Homem e Mulher

ANEXO 04 – Trabalhos que trazem para o centro dos debates somente as vozes da pessoa presa.

Teses e Dissertações que Trabalham Exclusivamente com a Voz da Pessoa Presa	
01	Um dos caminhos da Educação na penitenciária de Marília/SP
02	Educação, Escola E Prisão: o “Espaço de Voz” de educandos do Centro De Ressocialização De Rio Claro/SP.
03	Entre a cela e sala de aula: Um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista.
04	Tecendo fios nos espaços e tempos da escola na Prisão
05	Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade
06	Processos educacionais no cárcere: um estudo sobre as representações sociais de jovens e adultos na prisão
07	O sentido da educação para mulheres em privação de liberdade: vivências e perspectivas.
08	A política de ressocialização no Brasil: instrumento de reintegração ou de exclusão social?